

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE ATLETAS NO VOLEIBOL
BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA BIOECOLÓGICA
DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Rodrigo Lara Rother

Lajeado, outubro de 2014

Rodrigo Lara Rother

**ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE ATLETAS NO VOLEIBOL
BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA BIOECOLÓGICA
DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento - PPGAD, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Dra. Margarita Rosa Gaviria Mejia

Lajeado, outubro de 2014

Rodrigo Lara Rother

**ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE ATLETAS NO VOLEIBOL
BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA BIOECOLÓGICA
DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

A banca examinadora abaixo aprova a dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento na área de concentração de Espaço e Problemas Socioambientais:

Prof. Dra. Margarita Rosa Gaviria Mejia-Orientadora
Univates

Prof. Dr. Carlos Leandro Tiggemann
Univates

Prof. Dr. Fabiano Bossle
UFRGS

Prof. Dr. Valdir José Morigi
Univates

Lajeado, 12 de dezembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram e tornaram possível a realização desta dissertação. Primeiramente a Confederação Brasileira de Voleibol, nas pessoas do Prof. Antônio Rizzola, que apoiou minha iniciativa de investigar e tentar contribuir com o desenvolvimento do voleibol desde o primeiro contato que fizemos, além do que, foi personagem central na viabilização deste estudo; ao Sr. Hécio Nunan Macedo, pela forma carinhosa que me recebeu no Centro de Desenvolvimento do Voleibol, em Saquarema/RJ. Do alto de toda sua experiência, percebi em nossas conversas que além de conhecimento técnico da modalidade, tem muito a ensinar sobre humildade, simplicidade e simpatia para os técnicos mais jovens que, como eu, ainda “engatinham” no voleibol; e ao Juca Klein, técnico da Seleção e grande amigo, que possibilitou as conversas com as atletas e não mediu esforços para o sucesso desta jornada. A forma que conduziu a Seleção naquela oportunidade me lembrou que ainda tenho muito a aprender com ele e demonstrou que tem todos os méritos por ter chegado onde está.

Para as atletas da Seleção Brasileira, que conhecia como adversárias dentro das quadras, meu muito obrigado. Mesmo exaustas pela forte rotina de treinamentos à véspera da competição, disponibilizaram um precioso tempo para conversarmos sobre suas vidas.

Agradeço também a minha orientadora Prof. Dra. Margarita Rosa Gaviria Mejia, pelo conhecimento compartilhado, paciência e exigência. Suas observações intermináveis nos documentos que produzi me mostraram que as habilidades de

persistência, garra e perfeccionismo, que tanto prego para minhas atletas no voleibol, devem ser utilizadas também no processo de produção científica.

A minha família e amigos, só vocês sabem o quanto são fundamentais em tudo que faço. Nenhuma palavra descreve isso.

Na impossibilidade de citar o nome de todos que me auxiliaram até aqui, estendo meu agradecimento ainda as pessoas que deram suas pequenas contribuições no dia a dia, e que somadas foram de imensurável relevância na realização deste estudo.

Realmente aprendi muito com todos e sou eternamente grato por isso.

“Não se espante com a altura do vôo. Quanto mais alto, mais longe do perigo. Quanto mais você se eleva, mais tempo há de reconhecer uma pane. É quando se está próximo do solo que se deve desconfiar.”

Alberto Santos Dumont

RESUMO

Mesmo enfrentando um cenário adverso, o voleibol tem sido uma modalidade esportiva que obtêm sucesso não somente nos resultados conquistados no âmbito internacional, mas principalmente na formação de novos atletas e renovação das seleções nacionais. Este fenômeno é o tema da presente dissertação de mestrado, a qual objetiva analisar, sob a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, os fatores que determinam o surgimento e desenvolvimento das atletas que chegam a Seleção Brasileira de voleibol feminino de base. Para tanto, se fez uma revisão de literatura, uma análise teórico metodológica dos elementos analíticos da referida Teoria e entrevistas com 12 atletas da seleção feminina de base que representaram o país numa competição sulamericana, tendo seus discursos categorizados conforme os elementos subjacentes a Teoria citada. Os resultados foram discutidos com as ponderações encontradas na literatura e com as experiências que o pesquisador adquiriu ao longo de dezesseis anos atuando na área investigada. Percebeu-se nas falas das atletas que elas praticaram atividades diversificadas em sua infância tanto nos ambientes informais (como a turma de amigos da rua), quanto formais (em aulas de Educação Física e “Escolinhas Esportivas”). Estas atividades, mesmo não tendo uma organização sistematizada, proporcionaram de forma complementar o aumento do repertório motor e desenvolvimento de habilidades. Como as atletas apresentavam neste período da vida estatura superior as demais crianças da sua faixa etária e gosto por atividades competitivas, acabaram ingressando no voleibol motivadas por familiares, amigos, professores ou mesmo por iniciativa própria. A partir da evidência da sua estatura, força física e/ou habilidade específica para a prática do voleibol foram destacando-se das demais, o que chamou a atenção dos observadores da Seleção Brasileira que, somente nesta fase da formação da atleta, propõem pela primeira vez uma sistemática para avaliar e promover o ingresso na equipe nacional. Concluiu-se que, mesmo não existindo no Brasil uma sistemática de detecção, formação, seleção e promoção de talentos no esporte como o sugerido pela literatura em modelos de Treinamento de Longo Prazo (TLP), da grande quantidade de crianças que praticam voleibol que apresentam atributos pessoais significativos para a prática, a minoria as somarão a um ambiente familiar e esportivo adequado e a atividades que se complementem de alguma forma no desenvolvimento físico, psicológico, social e cognitivo da atleta. A aplicação de um modelo de TLP

promoveria uma quantidade maior de talentos no esporte que possam chegar a Seleção Brasileira de voleibol de base.

Palavras-chave: Voleibol. Aptidão. Desenvolvimento Humano. Educação Física.

RESUMEN

Aunque frente a un escenario adverso, el voleibol ha sido un deporte que no sólo ha logrado conquistas deportivas en nivel internacional, sino que ha sobresalido en la formación de nuevos atletas y renovación de equipos nacionales. Este fenómeno es el objeto de esta disertación de maestría, cuyo objetivo es analizar, desde la perspectiva de la Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano, los factores que determinan la aparición y el desarrollo de los atletas que llegan a la base de voleibol femenino nacional de Brasil. Así, a través de una revisión de la literatura se analizaron los elementos teóricos e metodológicos de esa teoría, y se realizaron entrevistas con 12 atletas de base de la selección femenina que representó al país en la competición sudamericana. Sus discursos se clasifican de acuerdo a los elementos fundamentales de la teoría citada. Los resultados fueron discutidos con la literatura y con la experiencia del autor como entrenador de voleibol durante 16 años, fundamentándose en la etnografía. Se observó en los discursos de las deportistas que practicaron actividades diversificadas en su infancia, tanto en contextos informales (como con los amigos que vivían cerca de su casa) como formales (en las clases de educación física y "Escuelas Deportivas"). Estas actividades no tenían una organización sistemática entre ellas, pero proporcionaron de manera complementaria la mejora del repertorio motor y el desarrollo de sus habilidades. Los atletas tenían en este periodo de vida más elevada estatura que otros niños de su grupo de edad y el gusto por las actividades competitivas, por esto ingresaron al voleibol motivados por su familia, amigos, profesores o incluso por iniciativa propia. A partir de la evidencia de su estatura, la fuerza física y/o habilidades específicas para la práctica del voleibol fueron destacándose de los demás. Hecho que llamó la atención de los observadores de la selección brasileña que sólo en esta fase de la formación del atleta propusieron por primera vez un sistema para evaluar y promover la entrada en el equipo nacional. Se concluye que, incluso con ausencia de una sistemática de detección, formación, selección y promoción de talentos en el deporte como lo sugiere la literatura sobre modelos de Entrenamiento a Largo Plazo (ELP) y se confirma en la práctica deportiva, de la gran cantidad de niños que juega voleibol y que presentan atributos personales significativos para la práctica de la modalidad, una minoría se suma a una familia adecuada y ambiente deportivo y las actividades que se complementan de alguna manera en el desarrollo físico, psicológico, social y cognitivo de los atletas. La

aplicación de un modelo ELP puede promover una mayor cantidad de talentos deportivos que se pueden llegar a la base del equipo brasileño de voleibol.

Palabras clave: Voleibol. Capacidad. Desarrollo Humano. Educación Física.

LISTA DE ABREVIATURAS

PPCT – Modelo bioecológico de estudo referente a Pessoa, ao Processo, ao Contexto e ao Tempo

TLP – Treinamento de Longo Prazo

CBV – Confederação Brasileira de Voleibol

CDV – Centro de Desenvolvimento do Voleibol

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho do modelo PPCT de Urie Bronfenbrenner.....	28
Figura 2 – Plano de projeção Ideal x Real de TLP	55
Figura 3 – Fluxograma do modelo de análise do PPCT para este estudo.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Padronização das etapas do TLP.....	52
---	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	20
2.1 Avanços Ecológicos e conceito de desenvolvimento	20
2.2 Modelo “PPCT”	21
2.2.1 Processo	22
2.2.2 Pessoa.....	24
2.2.3 Contexto.....	26
2.2.3.1 Microssistema	29
2.2.3.2 Mesossistema.....	30
2.2.3.3 Exossistema	31
2.2.3.4 Macrossistema	31
2.2.4 Tempo	32
3 APLICABILIDADE DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO ESPORTE: UMA REVISÃO DA LITERATURA	35
4 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E O ESPORTIVO	47
4.1 O <i>Talento</i> para o esporte e a <i>Pessoa</i> para Bronfenbrenner	48
4.2 TLP como um modelo de desenvolvimento	50
4.3 Duração e procedimentos realizados no TLP.....	51
4.4 A “assistemática” do TLP no Brasil	56

5 INVESTIGANDO O SURGIMENTO E A FORMAÇÃO DOS TALENTOS PARA O VOLEIBOL.....	58
5.1 Tipo de pesquisa.....	58
5.2 População e amostra	60
5.3 Coleta dos dados	611
5.3.1 Procedimentos técnicos e metodológicos	62
5.3.2 Instrumento de coleta.....	62
5.4 Apresentação e discussão dos resultados.....	63
5.5 Questões éticas e legais.....	63
6 CARACTERIZAÇÃO BIOECOLÓGICA DAS ATLETAS DAS CATEGORIAS DE BASE DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL FEMININO	65
6.1 A relevância da amostragem e sua representatividade no voleibol nacional	66
6.2 Atributos pessoais para ingressar e obter sucesso no voleibol	67
6.2.1 Disposições	68
6.2.2 Recursos.....	72
6.2.3 Demandas	78
6.3 Processos que contribuem com o surgimento e o desenvolvimento dos talentos	81
6.4 Ambientes, relações e influências na formação de atletas.....	91
6.5 Trajetória esportiva e eventos históricos significativos ao desenvolvimento.....	96
7 CONCLUSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE ATLETAS NO VOLEIBOL BRASILEIRO	100
REFERÊNCIAS.....	107

1 INTRODUÇÃO

O Brasil está sendo palco dos principais megaeventos esportivos do mundo, em um curto período de tempo: a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão em 2016. Estes acontecimentos históricos tem focado a atenção da mídia nacional e internacional e de toda a população do país para o esporte. Por ser o país sede, tem o direito de atuar diante de sua torcida e vaga garantida em todas as modalidades em disputa, o que cria uma grande expectativa por resultados positivos, inclusive, já estão sendo preparadas comemorações para cada vez que a bandeira brasileira estiver no lugar mais alto do pódio.

Em contrapartida à confiança e ao entusiasmo do público e da imprensa, os atletas, técnicos, dirigentes e demais envolvidos diretos no esporte brasileiro estão apreensivos quanto à obtenção de bons resultados. Isso porque são escassos os investimentos em estrutura física e material, falta qualificação dos recursos humanos envolvidos e políticas públicas de apoio aos atletas condizentes com as reais necessidades do esporte nacional. Quando fazem investimentos, normalmente ocorrem bem próximos das datas do início de competições importantes, quando nada mais pode ser feito para elevar o nível de *performance* ou para proporcionar experiências que contribuam significativamente na evolução dos atletas ou das equipes.

Para formar atletas ou equipes que possam competir mundialmente, é necessário um trabalho longitudinal, que ofereça condições de desenvolvimento

durante todo o processo de preparação, não somente naquele em que a competição recebe cobertura da mídia e estampa a imagem do apoiador para o mundo. Este trabalho de longo prazo deve iniciar na base, mesmo antes da detecção do futuro talento esportivo.

Reside aí a desvantagem do Brasil em relação a países que ocupam os primeiros lugares no quadro de medalhas do esporte mundial. Mesmo havendo modelos na literatura que sirvam de referência para o trabalho formativo no esporte, como é o caso de Dantas (1995) e Bohme (2000) que apresentam o Treinamento de Longo Prazo (TLP) como parâmetro e uma possível opção técnica para a sistematização na detecção e desenvolvimento de talentos, no Brasil não se adota um modelo, ou simplesmente não se segue o indicado pela literatura. Esta ausência de sistematização, ou até mesmo de orientação para ações formativas, gera uma lacuna que tem sido preenchida por toda a sorte de iniciativas realizadas por clubes, escolas, “escolinhas esportivas”, entre outros, permitindo que cada um destes crie suas próprias metodologias (quando existem) que não necessariamente atendem ao que o atleta em formação necessita.

Apesar dos entraves mencionados, alguns atletas brasileiros e modalidades esportivas específicas têm conseguido destacar-se mundialmente e obter merecido reconhecimento mundial. Este é o caso do voleibol, no qual as seleções brasileiras, seja na quadra ou na areia, no masculino ou no feminino, nas categorias maiores ou nas de base, são atualmente referência mundial na modalidade, tendo conquistado todos os títulos possíveis. Muitos desses atletas são ídolos nacionais, amplamente reconhecidos, patrocinados por marcas de renome e com contratos de valores elevados, tanto para jogarem em equipes do exterior como em equipes nacionais.

Considerando esta situação paradoxal entre a realidade da maioria das modalidades esportivas nacionais e especificamente a do voleibol, não somente no que diz respeito a resultados e títulos conquistados em quadra, mas sim ao sucesso na formação de atletas e qualidade na renovação das equipes nacionais, baseia-se nesse panorama esportivo o problema central desta investigação, que consiste em identificar quais são os elementos que levam ao surgimento e desenvolvimento dos

atletas de voleibol que chegam às seleções brasileiras de base. Este fenômeno ganha importância a medida que se sabe que no Brasil não é realizado um trabalho sistemático de descoberta e desenvolvimento de talentos esportivos.

Para abordar o problema, propõe-se uma investigação aprofundada, que ofereça recursos teóricos e metodológicos que ajudem a compreender os elementos subjacentes ao surgimento e desenvolvimento do talento esportivo, até mesmo antes dele ingressar em uma equipe ou em um programa de treinamento formal. Nesse sentido, adota-se uma perspectiva de análise que considera a pessoa, suas características e atributos, as relações inter pessoais, influências que sofre e exerce junto ao ambiente ao qual está inserido e, ainda, que contemple seu desenvolvimento ao longo do tempo.

A perspectiva de análise que possibilita refletir sobre as questões referenciadas acima é a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, criada por Urie Bronfenbrenner, a qual apresenta uma perspectiva ecológica do desenvolvimento, abordando os aspectos saudáveis do mesmo. Nele, os estudos são realizados nos ambientes próprios onde ocorrem os fenômenos investigados e a análise da participação da pessoa nos mesmos é focalizada no maior número possível de ambientes e relações com outras pessoas. Esta teoria valoriza ainda os processos psicológicos e sociais e sua relação com as multideterminações ambientais, sem negligenciar a importância dos fatores biológicos no decorrer do desenvolvimento.

A utilização da teoria de Bronfenbrenner no campo esportivo, mais especificamente no processo de formação nas categorias de base, permite compreender o jovem atleta dentro de um contexto, considerando seu desenvolvimento de forma dinâmica e concomitante nos diversos ambientes onde está inserido. Como este atleta frequenta vários ambientes na sua infância (família, escola, grupo de amigos, entre outros), assim como passa por diferentes processos de formação, ocorrem interfaces entre estes e o seu desenvolvimento. Desta forma, todos devem ser considerados, descritos e compreendidos da maneira mais contextualizada possível.

De posse dos conceitos apresentados pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de sua proposta de modelo de estudo e frente à necessidade de avanços na reflexão e compreensão dos elementos que levam ao surgimento e desenvolvimento de novos talentos no esporte brasileiro, abordando de forma mais pontual uma modalidade de reconhecido sucesso como o voleibol, objetivou-se com este estudo analisar, sob a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, os fatores que determinam o surgimento e desenvolvimento das atletas da Seleção Brasileira de voleibol feminino de base. De forma mais específica, pretende-se (a) compreender a aplicabilidade dos recursos teóricos e metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano no âmbito do esporte; (b) identificar as características pessoais de disposições, recursos e demandas que levaram as atletas a ingressarem e obterem sucesso no voleibol; (c) comparar os processos aos quais as atletas foram submetidas em sua formação com os indicados pelo modelo de TLP; (d) identificar a importância dos contextos ambientais freqüentados pelas atletas para seu surgimento e desenvolvimento esportivo e as influências recíprocas que trocam entre si; e por fim, (e) identificar eventos históricos na trajetória esportiva das atletas que foram significativos para o seu desenvolvimento e para chegarem à Seleção Brasileira.

Para atingir os objetivos citados, na elaboração desta dissertação foi realizada uma pesquisa que seguiu dois procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica (sobre a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano) e a de campo (para análise da realidade das atletas da Seleção Brasileira feminina de base). Quanto à primeira, na pesquisa bibliográfica, foi analisado o alcance da teoria a partir dos textos produzidos pelo seu autor, Urie Bronfenbrenner, e das interpretações que outros autores fazem da mesma. Bem como foi observado em que medida os criadores e os seguidores da referida teoria apóiam-se nela para refletir sobre o desenvolvimento da condição humana, focados no esporte. Com base na análise da literatura sobre o tema também se observou de que maneira os elementos bioecológicos podem servir de categorias de análise no processo de desenvolvimento do talento no esporte. As reflexões acerca deste fenômeno foram

elaboradas através da associação entre os componentes da Teoria Bioecológica e o TLP.

Já na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas para analisar os fatores que influenciam no surgimento e na continuidade das atletas de voleibol que chegam a base da Seleção Brasileira à luz das categorias de análise subjacentes a Teoria Bioecológica. O pesquisador entrevistou as atletas da Seleção Brasileira durante uma concentração no Centro de Desenvolvimento do Voleibol, no Rio de Janeiro. Mais do que entrevistas, foram conversas amistosas através das quais se procurou entender os elementos subjacentes a este processo esportivo com base na análise, não da manifestação das atletas como sujeitos em si, mas de um falante e do falado, em vista de que através delas outros ditos se dizem. Esta perspectiva inspira-se na idéia de que a linguagem corrente contém, em seu vocabulário e sintaxe, uma filosofia petrificada do social, sempre pronta a ressurgir em palavras comuns e expressões (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004; FOUCAULT, 1997).

De acordo com o anterior, o discurso é uma forma de produção de conhecimento, resulta da prática de produzir significados a partir da linguagem das atletas, neste caso, sem distinção de pensamento e ação ou linguagem e prática. Em outros termos, o discurso é uma linguagem que se constrói na prática e um significante que produz significados (BARTHES, 1973). Além disso, penetra e influencia as práticas sociais (HALL, 1993).

Com base nos pressupostos esboçados acima, nos próximos capítulos estão apresentados um aprofundamento das conceituações da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, bem como seus elementos subjacentes. A seguir, uma revisão bibliográfica sobre a aplicabilidade desta teoria no esporte e um paralelo sobre o desenvolvimento humano e o esportivo, apresentando as etapas que a literatura sugere para uma formação ideal de um talento no esporte.

Após o referencial teórico, apresenta-se a metodologia aplicada para investigar os processos formativos no voleibol brasileiro, onde utilizou-se um olhar bioecológico sobre o fenômeno. Já no capítulo seguinte, abordam-se os resultados

obtidos, bem como sua categorização em cada um dos elementos propostos pela teoria e a discussão com a literatura especializada. E no último capítulo, se discorre acerca das conclusões obtidas a partir dos resultados do estudo.

Com os resultados da investigação apresentados nesta dissertação, espera-se contribuir no aprofundamento dos conhecimentos acerca dos processos formativos e de qualificação no esporte. O voleibol brasileiro, como exemplo de sucesso, deve ser compreendido não somente para servir de modelo para novas iniciativas, mas também para seguir reinventando-se e evoluindo na direção de manter-se em evidência no cenário internacional.

2 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano é uma abordagem teórico-metodológica de desenvolvimento contextualizado, ou seja, considera que todo o fenômeno é influenciado por quatro elementos inter-relacionados: a Pessoa, o Processo, o Contexto e o Tempo. A consideração destes quatro elementos no âmbito do fenômeno em estudo possibilita uma visão mais abrangente e a compreensão da sua totalidade. O autor da teoria, Urie Bronfenbrenner, faleceu em 2005, deixando um legado que permanece na atualidade, pois sua teoria tem servido de modelo de investigação em várias áreas, sendo considerada muito atual. Contudo, tem avançado a partir da teoria original, ampliando seu enfoque e novas possibilidades de aplicação ainda inesgotadas (KREBS, 2010).

2.1 Avanços Ecológicos e conceito de desenvolvimento

A criação da teoria por Bronfenbrenner em 1970, trouxe um novo olhar, uma convergência, uma fusão entre as teorias desenvolvimentistas, que se limitavam a modelos tipológicos, instituindo uma teoria interacionista. Um dos principais estudiosos desta teoria no Brasil, Krebs (2010), assinala que esta é uma teoria emergente, que oferece novas possibilidades para o estudo do desenvolvimento humano. Aborda tanto às propriedades da pessoa numa perspectiva ecológica, quanto aos parâmetros do contexto onde ela está inserida, seguindo uma abordagem desenvolvimentista.

Para dar significado aos termos que nominam a teoria, Bronfenbrenner (1996) utiliza o conceito de *bioecológico* ou *bioecologia* para ressaltar a interdependência entre a pessoa e o ambiente onde vive. Além da interdependência, as influências recíprocas que geram um ao outro, através da interação modificam aspectos de caráter físico e comportamental. As modificações ocorridas na pessoa, que tem significados importantes para a mesma, representam o desenvolvimento, eixo central da teoria.

O desenvolvimento é definido pelo autor como “um conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem, produzindo mudança nas características da pessoa no curso de sua vida” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 72).

Nesse sentido, Krebs (2010, p. 12) considera os termos bioecologia e desenvolvimento e aponta a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como segue:

O estudo científico de uma progressiva e mútua acomodação, através do curso da vida, entre um ativo ser humano em crescimento e as propriedades em mudança nos ambientes imediatos nos quais a pessoa em desenvolvimento vive; este processo é afetado pelas relações entre estes ambientes e em um contexto maior pelos ambientes nos quais estão inseridos.

Para aplicação prática da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Bronfenbrenner (1996) propõem sua utilização no formato de um modelo definido por ele como “PPCT”, sigla que denota *Processos proximais*, *Pessoa*, *Contexto* e *Tempo*. Sobre a aplicação em uma investigação, Koller (2004) argumenta que, mesmo quando um dos elementos receba maior importância que os outros, todos devem ser considerados, valorizando a abrangência da totalidade da realidade e a interdependência entre os elementos.

2.2 Modelo “PPCT”

A partir do proposto por Bronfenbrenner (1996) para aplicação da sua Teoria como um modelo de estudo, os elementos (Pessoa, Processo, Contexto e Tempo)

passam a ser definidos a partir daqui como categorias de análise, como já realizado por Swatowski (2001) em seus estudos acerca dos atributos que as pessoas apresentam de acordo com o contexto a que pertencem. Estas categorias, para obedecerem aos princípios bioecológicos, serão relacionadas teoricamente entre si e com a natureza do desenvolvimento humano. Nesta perspectiva, a apresentação das categorias baseia-se nas inter-relações e influências recíprocas. Apesar da impossibilidade de dissociação entre eles, para efeito de compreensão dos seus significados, abordaremos cada um de forma separada a seguir.

2.2.1 Processo

A primeira das quatro categorias exerce um papel crucial dentro do modelo PPCT pois, como apontam alguns autores, é “*a engrenagem principal do modelo*” (TUDGE, 2008, p. 3, grifo do autor) e “*elemento de interação entre os outros três componentes*” (SWATOWISKI, 2011, p. 34, grifo do autor). Esta interligação é explicada pelo fato dos processos serem identificados como as ações, acontecimentos, tarefas ou outras atividades as quais as pessoas são participantes por um determinado tempo e em um determinado contexto, envolvendo assim todas as outras categorias do modelo.

O desenvolvimento da pessoa é um processo que se complexifica progressivamente, participando e interagindo em atividades durante um tempo significativo o suficiente para promover mudanças duradouras incorporadas por ela. Estas formas duradouras de interação no ambiente a seu redor fazem com que o indivíduo seja capaz de dar sentido a seu mundo, que entenda o lugar em que se encontra, bem como interaja com ele e transforme-o. As formas de interação no ambiente imediato são referidas como *processos proximais*.

Bronfenbrenner (1996) considera as atividades de brincar em grupo, aprender a ler ou exercitar novas habilidades, realizadas por crianças de forma sistemática, como processos proximais marcantes na vida do indivíduo em desenvolvimento. Quando estes processos proximais ocorrem e causam uma marca na história de

vida da pessoa, o autor denomina-os como *eventos históricos*, que podem ser tanto de natureza temporal quanto espacial. O autor argumenta ainda que os vários processos ocorridos ao longo da vida devem ser observados, identificada sua sistematicidade e relacionados as características próprias de cada pessoa:

A forma, o vigor, o conteúdo e a direção dos processos proximais que levam a cabo o desenvolvimento, variam sistematicamente como uma função conjunta das características da pessoa que se desenvolve; do ambiente – tanto imediato quanto mais distante – no qual os processos ocorrem; da natureza dos aspectos do desenvolvimento estudados e das continuidades e mudanças sociais que acontecem ao longo do tempo no curso de vida e no período histórico durante o qual a pessoa viveu (BRONFENBRENNER, 1996, p. 204).

Mesmo quando não apresente a intensidade e seja tão marcante quanto um evento histórico, mas da mesma forma leve ao desenvolvimento da pessoa, Bhering e Sarkis (2009) definem os processos como atividades do tipo *molar*, ou seja, que remeta a um significado e gere uma modificação de comportamento na pessoa. As autoras dizem que somente quando uma pessoa engaja-se numa atividade sistemática e por um período de tempo significativo para ela, essa atividade pode ser definida como processo proximal. Já quando as atividades são desenvolvidas por períodos curtos, freqüentemente interrompidas, são inconsistentes ou simplesmente repetidas sem um aumento no grau de complexidade, são classificadas como *moleculares* e não enquadram-se como processo proximal. Bronfenbrenner (2011) classifica os resultados dos processos proximais como *competências*, quando ocorrem aquisição e desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, e *disfunção*, quando o indivíduo apresenta dificuldades em adquirir ou manter o comportamento seja por interrupções freqüentes ou falta do avanço progressivo da atividade em quantidade ou complexidade.

De acordo com o exposto acima, percebe-se que a aprendizagem ou aquisição de habilidades e competências, sejam elas simplesmente educacionais ou esportivas, tem na sua essência os processos proximais, os quais somados às características da pessoa e ao meio envolvente tornam estes aprendizados realmente significativos.

2.2.2 Pessoa

A respeito da pessoa, Tudge (2008) diz que Bronfenbrenner considerou os fatores biológicos e genéticos na sua conceituação, mas deu atenção especial às aptidões pessoais dos indivíduos para se defrontarem com qualquer situação social que se lhes apresente. Para classificar as características da pessoa, que as fazem interagir com outras e com o ambiente, Bronfenbrenner (2011) usou os termos *disposições*, *recursos* e *demandas*.

As *disposições*, designadas por Tudge (2008, p. 4, grifo do autor) como “*forças*”, exercem grande influência no futuro desenvolvimento da pessoa. Para Bronfenbrenner (1996) estas disposições, que denomina *gerativas*, não são determinantes no curso do desenvolvimento, mas servem para favorecê-lo e motivá-lo. São exemplos dessas características pessoais a curiosidade, a iniciativa e a responsabilidade. Paralelamente a estas disposições gerativas, que favorecem a ocorrência de processos proximais que levem ao desenvolvimento, existem posições contrárias, chamadas de *disruptivas* que, nos termos do mencionado autor, retardam ou impedem o desenvolvimento. Entre elas podem ser exemplificadas a impulsividade, distração, apatia e insegurança.

Quer dizer, as disposições com características comportamentais podem colocar os processos proximais em movimento, retardá-los ou impedi-los de ocorrer. No âmbito do esporte esse conceito permite, por exemplo, perceber como dois jovens de igual talento, postos em situações adversas no esporte coletivo têm comportamentos diferentes: um compartilha a resolução do problema coletivamente, apresentando disposição para o esporte coletivo, enquanto o outro tenta resolver de forma individual, demonstrando não ter disposição para esportes que exijam este perfil.

Com relação aos *recursos*, como o próprio termo indica, são aquelas características da pessoa que demonstram suas capacidades biopsicossociais de engajarem-se num processo proximal e facilitam a obtenção do sucesso no mesmo. Krebs (2010) qualifica de recursos às habilidades e conhecimentos, o biótipo físico e

demais fatores inerentes à pessoa que facilitam a realização das tarefas significantes. Este autor cita ainda um de seus estudos realizados no âmbito esportivo no qual percebeu que pessoas mais competentes tendiam a ter maior envolvimento em atividades e permanecer por mais tempo engajadas nelas, que demonstra a influência dos *recursos* nas *disposições* pessoais. Bhering e Sarkis (2009) vão além e lembram que alguns recursos também devem ser considerados pela sua falta, ou seja, condições que limitam ou dificultam a integridade funcional do organismo, como por exemplo, deficiência física, doenças, processos degenerativos, obesidade (em casos específicos), entre outras.

Já as *demandas* são características pessoais capazes de instigar reações no ambiente ou em outras pessoas, para impedir ou favorecer os processos de desenvolvimento. Tudge (2008) qualifica estas características como *estímulo pessoal*, quando alguma característica apresentada serve de estímulo para ação das outras. Nessa situação, idade, gênero, cor da pele, aparência física, entre outras, podem intervir nas interações iniciais, aproximando um grupo de pessoas com características semelhantes ou, como exemplo, criando expectativas sobre uma pessoa para o exercício de algum papel específico dentro deste grupo. Uma definição semelhante a essa é descrita por Krebs et al. (2008, p. 15):

São os atributos da pessoa que afetam o desenvolvimento pela sua capacidade para provocar ou inibir reações dos ambientes sociais que ela participa, as quais podem romper ou favorecer os processos proximais. É, portanto, a “primeira impressão” que o indivíduo desperta nas pessoas, que faz com que receba atenção, afeto, ou por outro lado, desperte sentimentos negativos como desprezo, raiva.

Além das características mencionadas acima, Bronfenbrenner (2011) ressalta que os sistemas de crenças, significativo para muitas pessoas, podem funcionar como instigadores e mantenedores de interação recíproca entre pessoas, influenciando então seus posicionamentos e atitudes para si, para os outros e para o ambiente.

Nesse sentido, Bronfenbrenner (2011) postula que os indivíduos podem mudar o contexto onde estão inseridos, ou modificar seus próprios comportamentos de diversas formas. De maneira *passiva*, quando a pessoa muda o ambiente

simplesmente por estar nele, visto que outros reagem a ele de diferentes formas, pela idade, sexo, representatividade ou papel social etc. De maneira *ativa*, quando a pessoa utiliza neste contexto seus recursos físicos, mentais e emocionais. Ou pode ser também de maneira *ainda mais ativa*, quando a pessoa tem o desejo ou esforça-se deliberadamente em modificar o ambiente com que se relaciona.

2.2.3 Contexto

Uma peculiaridade do modelo bioecológico é a conceituação do ambiente como local de relações entre a pessoa em desenvolvimento, outras pessoas e o ambiente. Além disso, o modelo trata o ambiente como um conjunto de sistemas que se relacionam. Para Bronfenbrenner (1996), é o ambiente propício para ocorrência dos processos proximais, inter-relações pessoais e demais situações de interação recíproca. O autor conceitua e classifica os sistemas de acordo com a proximidade de contato que tem com o indivíduo em desenvolvimento, sendo definidos como *Microsistemas*, *Mesosistemas*, *Macrosistemas* e *Exossistemas*. Estes locais onde os processos proximais, inter-relações pessoais e demais situações de interação recíproca ocorrem, em seus quatro níveis apresentados, são chamadas de Contexto.

Da perspectiva teórica de Bronfenbrenner (1996), contexto é qualquer evento ou condição fora do organismo que pode influenciar ou ser influenciada pela pessoa em desenvolvimento. Como podemos perceber nas ponderações do autor:

Contextos ambientais influenciam os processos proximais e os resultados desenvolvimentais não só em termos de recursos que eles tornam disponíveis, mas também na medida em que eles fornecem a estabilidade e a consistência através do tempo que os processos proximais precisam para seu funcionamento efetivo (BRONFENBRENNER, 1996, p. 23).

Tudge (2008) ressalta a importância do contexto, dizendo que ele pode conter características favorecedoras para o desenvolvimento da pessoa. Quando, tomando como exemplo o esporte, são encontrados recursos materiais (equipamentos adequados e tecnologia), físicos (locais e estrutura física) e sociais (pessoas que oferecem apoio e orientação), a estabilidade desses recursos, além do fato dos

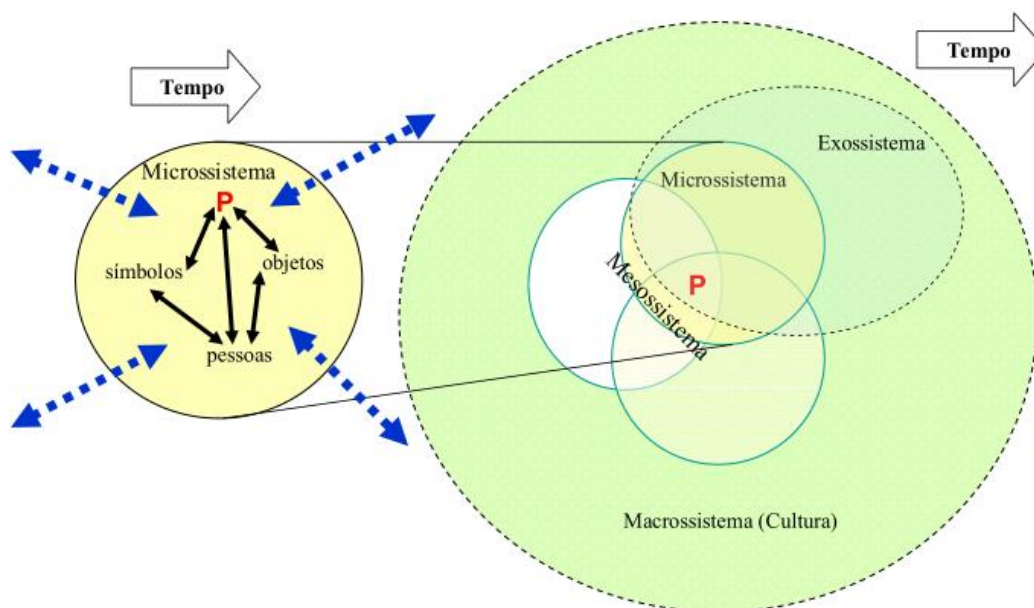
mesmos se apresentarem de modo organizado ou desorganizado, acessível ou inacessível, podem interferir positiva ou negativamente no desenvolvimento desta pessoa/atleta. Estes aspectos do contexto podem ser observados em todos os níveis dos sistemas ambientais.

Dentre os quatro níveis já apresentados o microssistema tem especial importância, pois refere-se ao contexto no qual as atividades diárias da pessoa ocorrem, bem como às relações com as outras pessoas que nele habitam. Esses padrões de interação ao longo do tempo provocam mudanças no comportamento e no desenvolvimento individual, estimulando e permitindo a participação da pessoa em interações progressivamente mais complexas (BRONFENBRENNER, 1996).

Considerando o contexto na sua forma ambiental física e relacionando-o ao ambiente esportivo, Krebs (2010) alerta para os problemas que podem ser encontrados no mesmo. A instabilidade do ambiente, a falta de estrutura adequada e a imprevisibilidade dos acontecimentos são fatores do contexto que podem influenciar de forma negativa o processo de desenvolvimento e são situações vivenciadas com frequência no meio esportivo nacional.

Um esquema que pode ilustrar bem o funcionamento do contexto dentro da teoria bioecológica é o apresentado na Figura 1, onde a Pessoa (P) ativa aparece engajada em Processos proximais com outras pessoas, símbolos e objetos dentro de um Contexto (microssistema) que interage com outros (meso, exo e macrossistemas), incluindo tanto continuidade quanto mudança ao longo do Tempo (TUDGE, 2008).

Figura 1 – Desenho do modelo PPCT de Urie Bronfenbrenner.



Fonte: Tudge (2008, p. 6).

Ainda sobre a Figura 1, um detalhe que deve ser considerado quando visualizados os exossistema e macrossistema é o delineamento de seus contornos de forma pontilhada. Tudge (2008) os define assim propositalmente porque considera que são sistemas que interferem de forma indireta sobre o desenvolvimento da pessoa, onde ambos geram modificações nos microsistemas e, estes sim, interferem diretamente na pessoa.

Um olhar para o objeto de estudo desta investigação com base no modelo de Bronfenbrenner, ilustrado na figura anterior, permite analisar a equipe esportiva como um contexto, pois é o lugar de convívio e de interação direta entre os atletas. Nele se realizam atividades através das quais são desenvolvidas as potencialidades das atletas, ou seja, os processos de desenvolvimento das pessoas. Como é um ambiente de influência direta e recíproca com a pessoa, a equipe esportiva é um microsistema, que tem ligação com outros microsistemas como a família e a escola, por exemplo, e estas ligações ou ambientes comuns a dois ou mais microsistemas denominados mesossistemas. O exossistema, no caso específico da

Confederação Brasileira de Voleibol, é o sistema esportivo vigente que dita normas e age sobre um ou mais microsistemas onde a pessoa em desenvolvimento está inserida. Já o macrosistema é o Brasil, um espaço social ou cultural que abrange todos os sistemas citados acima, seja na dimensão geográfica, como social, cultural ou esportiva.

Este exemplo de contextualização ambiental de uma equipe esportiva dentro do modelo de estudo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano demonstra como o modelo pode ser aplicado. Para aprofundar o assunto veremos a seguir os conceitos, características e particularidades de cada um dos quatro níveis de sistemas ambientais definidos por Bronfenbrenner.

2.2.3.1 Microsistema

O primeiro nível de proximidade do contexto com a pessoa, considerado a unidade básica de análise de sua teoria, é o microsistema. Bronfenbrenner (1996, p. 226), o define como:

Um microsistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experimentados pela pessoa em desenvolvimento em um dado ambiente com características físicas e materiais particulares e que contém outras pessoas com características distintas de temperamento, personalidade e sistema de crenças.

Brandão (1996) considera o microsistema como o nível mais imediato ao indivíduo, o ambiente real onde ele experimenta e constrói a realidade cotidiana, inclui os vínculos estabelecidos entre ele e os demais e os papéis que cada um desempenha. Estes vínculos e relações são ressaltados por Bronfenbrenner (1996, p. 226) como os aspectos mais importantes no âmbito do microsistema:

No nível mais interno do sistema ecológico, uma das unidades básicas de análise é a díada (ou sistema de duas pessoas) e também os chamados sistemas N+2: tríadas, tétradas e estruturas interpessoais maiores.

Ao considerar as relações e interações entre indivíduos como *díadas*, o autor reforça que sempre deve haver uma reciprocidade. Além desta reciprocidade (entende-se aqui bilateralidade de influências) identificam-se nelas o equilíbrio de

poder e a relação afetiva, que pode ser positiva, negativa, ambivalente ou assimétrica. Estas *díadas* são classificadas por Bronfenbrenner (2011) em três categorias de acordo com o seu funcionamento: a *díada de observação*, onde um indivíduo presta atenção de forma estreita e duradoura na atividade do outro, o qual (pelo menos) reconhece o interesse demonstrado; a *díada de atividade conjunta*, onde os participantes percebem-se fazendo algo em conjunto; e *díade primária*, aquela que continua existindo fenomenologicamente, inclusive quando não estão juntos.

Outra questão própria do microssistema, que interfere direta e imediatamente no desenvolvimento do indivíduo, corresponde às atividades realizadas por ele dentro deste sistema. Aqui ocorrem as atividades já descritas anteriormente no item 2.2.1 como *molares e moleculares* (BRONFENBRENNER, 1996).

A última consideração sobre o que ocorre dentro de um microssistema diz respeito ao papel de cada participante nele. Brandão (1996, p. 51, grifo do autor) classifica o termo como “um conjunto de condutas e expectativas que se associam com uma posição, papel ou *estatus* na sociedade”, já para a teoria de Bronfenbrenner (2011, p. 61) os papéis são “o conjunto de atividades e comportamentos de uma pessoa que ocupa uma posição ou papel definido na sociedade e o que se espera do comportamento das demais pessoas em relação a ela”. Como subjazem na perspectiva de Bronfenbrenner, as relações sempre são convertidas em reciprocidade, inclusive na determinação dos papéis de cada um no microssistema.

2.2.3.2 Mesossistema

O mesossistema é o espaço onde se estabelecem relações entre diferentes contextos ou microssistemas. É o espaço de interação direta entre dois ambientes dos quais um mesmo indivíduo em desenvolvimento faz parte. Bronfenbrenner define o mesossistema da seguinte forma:

Compreende as ligações e processos que tem lugar entre dois ou mais ambientes que contém a pessoa em desenvolvimento (por exemplo as relações entre a casa e a escola, escola e trabalho, etc). Em outras palavras, um mesossistema é um sistema de microsistemas (BRONFENBRENNER, 2011, p. 146).

Da ótica de Tudge (2008), o mesossistema pode ser observado na intersecção entre microsistemas, onde um sobrepõe-se ao outro, com uma área comum entre ambos. Para este autor, o que define a força deste ambiente não são as conexões com uma grande quantidade de microsistemas, mas sim a qualidade destas conexões e a importância que tomam no processo de desenvolvimento. Quanto mais fortes as ligações entre dois ambientes e mais fatores influenciadores tiverem, mais forte será sua importância para o participante ali inserido.

2.2.3.3 Exossistema

São sistemas que interferem de forma indireta sobre o desenvolvimento do indivíduo. O exossistema pode ser assim definido:

O exossistema rodeia a ligação e os processos que tem lugar entre dois ou mais ambientes, no mínimo um deles não contém necessariamente a pessoa em desenvolvimento, mas no qual eventos acontecem que podem influenciar processos dentro do ambiente imediato que contém a pessoa (por exemplo, para a criança, a relação entre a casa e o local de trabalho dos pais; para um pai a relação entre a escola e o grupo de vizinhos) (BRONFENBRENNER, 1996, p. 227).

Koller (2004) considera que os exossistemas são centros de poder, como por exemplo, os conselhos educacionais e as federações esportivas, no âmbito dos quais as decisões tomadas afetam a vida da criança ou do atleta.

2.2.3.4 Macrossistema

O modelo de Bronfenbrenner contém um ambiente maior, o qual abrange os diversos micros, mesos e exossistemas. Neste ambiente mais amplo não ocorrem os processos proximais, inter-relações pessoais e demais situações de interação recíproca de forma direta entre pessoa e ambiente, mas refere-se a normatização,

regulamentação, determinação de um padrão ideológico e institucional de uma cultura, afetando de alguma forma tudo aquilo a que compreende. Este ambiente maior é chamado de Macrossistema. Nas palavras de Bronfenbrenner (2011, p. 150) o macrossistema é definido como:

É todo um padrão conjunto de microssistemas, mesossistemas e exossistemas característicos de uma dada cultura, subcultura ou outro contexto social maior, com um particular referencial desenvolvimentista-investigativo para o sistema de crenças, recursos, riscos, estilos de vida, estruturas, oportunidades, opções de vida e padrões de intercâmbio social que estão incluídos em cada um destes sistemas. O macrossistema pode ser visto como a arquitetura societal de uma particular cultura, subcultura ou outro contexto social maior.

Tudge (2008) afirma que não é tão simples determinar a qual macrossistema uma pessoa faz parte. Pode-se exemplificar isso com uma atleta brasileira de voleibol de base, que se definirá como brasileira quando comparada a uma argentina. Já quando comparada a uma outra brasileira sedentária, poderá definir-se como atleta. Quando comparada com outra atleta, poderá definir-se como voleibolista ou até mesmo dentro da modalidade como uma atleta de base em comparação com uma profissional. Ou seja, o país, região e categoria social são todos fenômenos do macrossistema e não há apenas um macrossistema que seja capaz de descrever essa atleta do exemplo citado ou qualquer outro indivíduo.

O desenvolvimento humano, visto sob uma perspectiva ecológica, possibilita analisar no marco do macrossistema diferentes ambientes com características distintas, as interações entre diferentes ambientes, o contexto no qual se inserem e o impacto geral que este complexo sistema tem sobre as pessoas e vice-versa, dentro de um equilíbrio dinâmico de influências ao longo do tempo (KOLLER, 2004).

2.2.4 Tempo

O componente Tempo foi o último elemento integrado ao modelo bioecológico durante sua formulação. Num primeiro modelo, o Tempo era tratado como *cronossistema* e integrante do Contexto, juntamente com os micros, meso, exo e macrossistemas. Para Krebs (2010), o Tempo deve ser observado neste modelo a

partir de um ponto de vista histórico-evolutivo, importando tanto o processo proximal que determina o desenvolvimento ao longo do tempo, quanto o processo histórico que envolve a pessoa e o ambiente onde ela está. Em outras palavras, contempla tanto o tempo de duração longitudinal do processo proximal quanto a característica do momento ou período em que o indivíduo se encontra.

Bhering e Sarkis (2009) concordam com Krebs (2010) apontando que as mudanças da pessoa durante o curso de sua vida são tão importantes quanto as mudanças ocorridas ao longo das gerações. Tudge (2008), seguindo a mesma linha de pensamento, pondera a indissociabilidade entre os quatro componentes do modelo, bem como assinala que as mudanças que cada um gera no outro são constantes ao longo deste tempo:

[...] todos os aspectos do modelo podem ser pensados em termos de uma relativa constância ou mudança. Isto é válido para os próprios indivíduos em desenvolvimento, para os vários microsistemas nos quais eles estão situados ou para aqueles contextos mais amplos (exossistema e macrosistema), os quais têm influências indiretas naquilo que ocorre nos microsistemas. As culturas não permanecem as mesmas, embora em algumas épocas as mudanças ocorram com muito maior rapidez que em outras. Além disso, como em todas as teorias contextualistas, as influências são multidirecionais (TUDGE, 2008, p.7).

A respeito da relação entre as mudanças na pessoa em desenvolvimento e os aspectos temporais, Bronfenbrenner (1996) refere-se a dois tipos de transformações ao longo da vida. Distingue as mudanças *normativas*, que correspondem, por exemplo, ao padrão ideológico e institucional de uma cultura, à entrada na escola, a puberdade e outros eventos que fazem parte dos diversos ciclos da vida. E as mudanças *não-normativas*, que são os acontecimentos imprevisíveis, como por exemplo, o divórcio, a transferência no emprego, entre outros. A relevância destas mudanças obedece ao fato de servirem de mola propulsora para uma modificação no rumo do desenvolvimento, afetando os processos proximais.

Tudge (2008, p. 8) ressalta a importância do tempo dentro do modelo dizendo que “o acompanhamento longitudinal de determinada situação pode determinar a frequência de um acontecimento dentro de uma rotina e explicar sua natureza”. Com esta afirmação, o autor demonstra a significância de um determinado processo proximal vivido pela pessoa em desenvolvimento.

Comparado ao modelo de treinamento esportivo vigente na formação de um futuro atleta, o fator tempo é muito importante, pois o jovem iniciante precisa de anos para desenvolver-se e atingir um alto nível profissional, é preciso um acompanhamento longitudinal de sua evolução e das transformações que sofrerá e causará ao longo da carreira esportiva.

3 APLICABILIDADE DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO ESPORTE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Com a apropriação dos conceitos e definições trazidas pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano no capítulo anterior, cabe agora apresentar quais os estudos que já foram realizados e que exemplificam as possibilidades de aplicação prática desta teoria no esporte.

A necessidade de comprovação desta aplicabilidade se dá pois, quando observadas superficialmente, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e o Esporte não parecem ter pontos de convergência. Isto ocorre pelo fato de que, originalmente, a teoria de Bronfenbrenner foi direcionada ao estudo de crianças e seus processos de desenvolvimento na infância (SWATOWISKI, 2011; BHERING; SARKIS, 2009; TUDGE, 2008; KOLLER, 2004; KREBS, 1995, 2010), já o campo científico esportivo investiga a atuação do atleta, na maioria das vezes adulto, sob a ótica do resultado do desempenho técnico e tático, do rendimento físico e do domínio dos aspectos psicológicos (TUBINO; GARRIDO; TUBINO, 2007; ZÍLIO, 2005; ELLIOTT; MESTER, 2000; DANTAS, 1995; BARBANTI, 2000; PLATONOV, 2008).

Contudo, quando o esporte é estudado especificamente no segmento da formação de atletas e sua projeção a alta performance, percebe-se bastante semelhança com a abordagem bioecológica, principalmente no que diz respeito aos processos que geram, ao longo do tempo, o desenvolvimento bio-psico-social. O

que para uma teoria é a pessoa em desenvolvimento, para a outra é um atleta em formação (BOHME, 2000, 2007; PERES; LOVISOLO, 2006; MONTAGNER; SILVA, 2003; VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 1999; BOJIKIAN et al., 2007; KISS et al., 2004).

Esta compatibilidade entre a teoria bioecológica e o esporte é confirmada quando encontram-se estudos já publicados que utilizam um para compreensão do outro. A partir de uma revisão sistemática na literatura¹, foram encontrados 82 trabalhos publicados posteriores a 2005, ano da morte de Bronfenbrenner e última atualização da sua teoria. Com a aplicação de alguns critérios de exclusão², este número foi reduzido a apenas quatro em que realmente a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano auxiliou na compreensão das atividades esportivas.

No primeiro artigo, intitulado “Disposições pessoais de tenistas jovens: um estudo fundamentado na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner”, os autores Krebs et al. (2008) realizaram uma análise dos dados coletados originalmente por Fernando Copetti em sua tese de doutorado sobre características pessoais de atletas jovens da modalidade tênis. A partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, os resultados de Copetti acerca dos motivos que levaram jovens atletas a ingressarem na modalidade, as expectativas sobre a futura carreira esportiva e os fatores que influenciam em um possível abandono foram reinterpretados analisando os atributos pessoais de tenistas jovens. Análises que se deu à luz do argumento de Bronfenbrenner (2011), conforme o qual estes atributos pessoais são uma combinação de características físicas, biológicas, psicológicas e sociais que interagem com o ambiente e influenciam no desenvolvimento, categorizadas pelo autor como *disposições, recursos e demandas*.

¹ Foram utilizadas como fontes de pesquisa a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) *on-line* e as bases de dados que fazem parte dela. BVS contempla as bases de dados LILACS, Index Psi, BDNF, MEDLINE, Biblioteca Cochrane, SciELO e BIREME; além de duas outras bases de dados: Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES.

² O processo de seleção dos artigos seguiu a proposta de Marconi e Lakatos (2009) que dividem a revisão sistemática em quatro etapas: busca, análise, leitura e fichamento de documentos. Dentre os artigos encontrados foram excluídos: a) estudos que tratam de temas próximos ao Esporte, como desenvolvimento motor ou educação física, mas não o abordam diretamente; b) investigações publicadas em forma de teses ou dissertações, já que originaram os artigos encontrados; c) resultados repetidos na busca (autor, título e local de publicação idênticos) foram considerados somente uma vez; d) não estar acessível para leitura na íntegra.

Para analisar especificamente as disposições dos tenistas, Krebs et al. (2008) entrevistaram 46 atletas da modalidade participantes do ranking do Rio Grande do Sul, de ambos gêneros, na faixa etária de 9 a 18 anos, engajados nas equipes de dois clubes do Estado. Os resultados obtidos permitiram identificar disposições pessoais dos tenistas em três situações: no início da trajetória esportiva, ao persistirem no engajamento na atividade e no abandono do tênis.

Com relação ao início no tênis, os atletas apresentaram duas tendências básicas: uma orientação interna, onde a disposição pessoal ocorre independente de haver mediação direta de outras pessoas, como a curiosidade despertada ao ter visto alguém jogar ou por freqüentar um clube onde havia tênis; e outra orientação externa, onde o contexto ao qual o iniciante está inserido, principalmente na família e escola, influencia convidando-o ou indicando-o para ingresso na prática. Nas disposições de persistência ao engajamento na atividade, observam o mesmo fenômeno interno e externo. O primeiro ligado ao prazer e ao significado importante que o tênis tem para o praticante e, o segundo, definido pelos relacionamentos estabelecidos com treinadores/professores, colegas, pais e outros que estimulam a continuação na atividade.

Quanto à disposição para o abandono, foram citados principalmente os maus resultados obtidos, a mudança de interesse para outros esportes e a dificuldade de conciliar as exigências do esporte com as escolares. Percebe-se aqui uma interação entre dois microssistemas ou ambientes freqüentados pelo jovem atleta (escola e campo esportivo) que exercem reciprocamente influências múltiplas sobre ele, ao qual subjaz uma tensão derivada da dificuldade em conciliar esporte e educação. As influências destes ambientes geram nos jovens atletas interesses que podem desviar sua atenção para outras atividades e abandonar o esporte.

Nas três situações citadas anteriormente, percebe-se um sistema interligado entre o ambiente familiar, o clube e o grupo de amigos e colegas, nos quais os atletas envolvem-se no cotidiano e geram ou são objetos de influências. Desencadeando, conseqüentemente, modificações nas disposições para o ingresso, persistência ou abandono do tênis. Processo que demonstra a interligação entre os

microssistemas no mesossistema, que Bronfenbrenner (2011) define como a junção entre os ambientes onde o atleta circula no seu dia a dia, saindo de um sistema menor e dirigindo-se a outro.

Mesmo que os autores enfatizem a investigação nas disposições, que fazem parte do elemento Pessoa, eles não deixam de dar atenção também a este outro elemento, reafirmando a premissa da indissociabilidade e interdependência entre os elementos do modelo. Apesar de que em algumas circunstâncias, um tenha mais importância que o outro como objeto de estudo (BRONFENBRENNER, 1996).

Embora neste artigo o objeto de estudo dos autores seja as disposições pessoais que pertencem ao elemento Pessoa do modelo PPCT, são abordados aspectos do elemento Contexto, como os micro e mesossistemas. Os autores tratam, mas de forma indireta, do elemento Tempo, quando evidenciam que o período de duração dos maus ou bons resultados, do afastamento da prática por ocorrência de lesões, entre outros, podem ser fatores que fortalecem ou enfraquecem as disposições pessoais e determinam a motivação para o atleta manter-se engajado ou para abandonar o tênis. Ao incluírem o elemento Tempo na pesquisa, embora seja uma investigação particularmente dirigida aos atributos pessoais (contemplados no elemento Pessoa), acabam confirmando as influências dos diversos microssistemas e o surgimento de mesossistemas (no Contexto). Desta forma, os autores corroboram o postulado de Bronfenbrenner (1996) a respeito de que esta teoria não tem sentido se utilizada sem considerar as influências e interrelações entre os elementos. Mesmo que Krebs et al. (2008) enfatizem apenas aspectos voltados aos atributos pessoais, os outros elementos do modelo PPCT apareceram nos relatos, pois são indissociáveis do processo de desenvolvimento.

O segundo artigo, publicado por Krebs et al. (2011, p. 195), “Disposição de adolescentes para a prática de esportes: um estudo orientado pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner”, assim como no artigo anterior, a investigação aborda de forma mais específica os atributos pessoais, busca observar se estes influenciam motivacionalmente na prática de esportes. Neste estudo, Krebs et al. (2011) investigam em duas escolas, uma pública e uma privada, as diferenças entre

adolescentes de gênero masculino e feminino quanto a participação em práticas esportivas sistemáticas, que equivalem a uma frequência de mais de três vezes semanais, no mínimo durante três anos, atividades estas oferecidas pelas instituições.

Estes autores fizeram uma relação entre o gênero dos praticantes e o caráter público ou privado da instituição onde são oferecidas as atividades esportivas que praticam. A partir desta relação verificaram quais são os fatores motivacionais em cada situação, objetivando utilizar os resultados como subsídios para adequação do direcionamento do enfoque das atividades aos interesses dos alunos. Apoiados no conceito Bioecológico, os autores categorizaram o gênero como um atributo pessoal de *demanda*, as escolas como o *contexto* e os fatores motivacionais dos praticantes como atributos pessoais de *disposição*.

As *disposições* encontradas revelaram que a busca pela “Saúde” e a melhora no “Condicionamento Físico” são os principais motivos que levam os adolescentes a prática esportiva, não existem diferenças significativas entre os gêneros nem entre ambientes escolares públicos e privados em relação às motivações. Os autores afirmam que a similaridade entre gêneros e contextos não pode ser meramente explicada com foco em um único domínio, pois o que valoriza a aplicabilidade da Teoria Bioecológica e sua ótica multidimensional. Para a compreensão do fenômeno que apresenta iguais resultados mesmo em pessoas e contextos distintos, é preciso uma abordagem ecológica, que considere a pessoa como um ser ativo em desenvolvimento, em constante interação com as características dinâmicas do ambiente onde está inserido.

Um dos argumentos utilizados para compreender este fenômeno é que apesar das escolas constituírem dois contextos diferentes (microsistemas), ambas pertencem ao macrossistema, ou sistema maior, o educacional. Situação da qual resulta o fato de terem alguns elementos comuns, independente das singularidades. Os autores postulam que em ambas as escolas há influência de professores, diretores ou projetos políticos pedagógicos sobre os praticantes de esportes, que se revertem em similaridades. Por outro lado, desconsiderar fatores como idade,

momento histórico, diferenças sociais, econômicas e culturais, limita a compreensão das causas, permitindo apenas perceber parte do fenômeno investigado.

Em suma, Krebs et al. (2011) em seu estudo, compreendem a “Saúde” e o “Condicionamento Físico” como fatores intrínsecos dos praticantes e, portanto, geralmente mais duradouros. Com base nesse postulado, os autores propõem que as escolas orientem a oferta de esportes considerando os dois aspectos: Saúde e Condicionamento Físico.

Diferentemente dos motivos que levam a prática, os quais foram possíveis de identificar, as relações entre gênero e o tipo de escola freqüentada não foram encontradas. Como não foram identificadas diferenças significativas que relacionem os elementos Pessoa (gênero dos praticantes) e Contexto (escolas que oferecem atividades esportivas), associar os motivos da prática esportiva a eles pode induzir a interpretações errôneas da realidade investigada. Para evitar que outros estudiosos incorram no mesmo mal entendido, os autores posicionam-se contra os modelos de pesquisa que “estabelecem relações causa/efeito por meio da análise do efeito principal, acabam por deixar de lado a análise das interações entre os fatores envolvidos [...]” (KREBS et al., 2011, p. 199) e recomendam que “utilizar um modelo de pesquisa que leve em consideração a interação entre as características da pessoa, contexto e tempo é o mais eficaz para estudar as disposições dos adolescentes à prática esportiva” (KREBS et al., 2011, p. 200).

A terceira produção selecionada, “Psicologia dos talentos em desporto: um olhar sobre a investigação”, de Ramadas et al. (2012), é uma revisão da literatura que apresenta diferentes recursos na pesquisa sobre talentos esportivos e treinamento a longo prazo. Objetivam compreender as dificuldades sentidas pelos principais pesquisadores do tema e identificar novas possibilidades metodológicas de investigação passíveis de exploração futura.

Neste texto, os autores discorrem sobre perspectivas de análises que revelam a interdependência entre fatores antropométricos, fisiológicos, técnicos, táticos e psicológicos, necessários no desenvolvimento de talentos esportivos. Mas Ramadas et al. (2012) alertam que, além destes constructos, há outros a considerar, bem mais

complexos. São a idade cronológica e a diferença na maturação biológica e social, as oportunidades e qualidade dos estímulos proporcionados pelo ambiente onde o talento está inserido, a relação entre a equipe técnica e a família do talento em questão, as tensões negativas da expectativa elevada por parte de pais e/ou treinadores, a quantidade e a segurança dos espaços disponíveis, o suporte social, entre outros. Todos estes fatores podem facilitar, retardar ou impedir o desenvolvimento do talento esportivo desde o início da carreira até a chegada a um alto nível de rendimento.

A raiz dos inúmeros fatores que dificultam aprofundamentos nas investigações sobre o talento esportivo, ganham força as abordagens interacionistas, as quais consideram tanto o papel genético como as influências das variáveis psicossociais. Dessa perspectiva, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano é uma das principais abordagens interacionistas existentes. Pondera-se que a associação dos procedimentos tradicionais à proposta das teorias ecológicas “permite um desenvolvimento mais completo do potencial do talento. Nesse sentido, a teoria de Bronfenbrenner, reforçada pelas ponderações de Krebs, pode fornecer uma importante contribuição” (RAMADAS et al., 2012, p. 342).

Ainda referente à associação entre fatores genéticos e psicossociais, Ramadas et al. (2012) remetem-se ao trabalho de Krebs et al. (2008), que aborda a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como um modelo que responde às necessidades da investigação do desenvolvimento de talentos no esporte. Haja vista que estuda os *processos proximais*, ou seja, processos, interações ambientais e atividades progressivamente mais complexas, das quais a pessoa participa e às que é submetida durante um tempo significativo, estimulando modificações perduráveis (BRONFENBRENNER, 1996). Além disso, os autores afirmam que os *processos proximais* ocorrem ao longo do tempo e dependem da interação mútua e progressiva dos atributos pessoais e das características do contexto apresentado. Quer dizer, podem ser associados ao conjunto de ações, eventos e situações com os quais o talento esportivo se depara e nos quais se envolve ao longo de seu processo de desenvolvimento esportivo.

Embora se perceba compatibilidade entre as variáveis encontradas no estudo do talento esportivo e as aplicações da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, os autores argumentam que no esporte, sua utilização é recente. Assinalam também uma carência de estudos profundos sobre o tema que contribuam no aprimoramento dos argumentos relativos a fenômenos esportivos, que são essencialmente complexos. Além disso, Ramadas et al. (2012) questionam se seria possível ao modelo PPCT controlar todas as variáveis que postula em uma só pesquisa. Ainda assim, admitem que o mais importante é saber o que está controlando para obter conclusões coerentes.

Em resposta ao questionamento anterior, Koller (2004) defende o PPCT e argumenta que todas as variáveis do modelo devem ser consideradas quando se vai aplicar o modelo em uma pesquisa. Fato este que não deve ser encarado como limitante do estudo, mas ao contrário, valoriza sua abrangência significativa e não fragmenta a realidade:

Uma das maiores riquezas adquiridas na análise sob a ótica da Abordagem Ecológica do desenvolvimento consiste na possibilidade de, ao usar lentes que visualizam o processo-pessoa-contexto-tempo, permitir ao observador focalizar em um aspecto específico do fenômeno mais amplo. No entanto, é fundamental e indispensável que ao fazê-lo não perca o espectro de informações do todo (KOLLER, 2004, p. 337).

A citada afirmação de Koller (2004) é percebida e confirmada nos dois primeiros artigos apresentados nesta revisão, já que o enfoque principal de ambos é nos atributos pessoais de disposição, recursos e demandas relativos ao elemento Pessoa do modelo PPCT. Mas na apresentação dos resultados e conclusões, revelam influências recíprocas e indissociáveis com os outros elementos do modelo: o Processo, o Contexto e o Tempo.

No último e mais recente artigo desta revisão: “A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano” de Fontes e Brandão (2013, p. 151), as autoras definem resiliência como “a capacidade humana de passar por experiências adversas sucessivas sem prejuízos para o seu próprio desenvolvimento” (FONTES; BRANDÃO, 2013, p. 151). Argumentam que esta capacidade não se limita apenas a “passar pela experiência”, mas também como

superá-la e fortalecer-se a partir dela. Em vista de que o esporte é um ambiente potencializador de vivências deste tipo e, portanto, ambiente apropriado para a investigação do fenômeno.

Para justificar a utilização da Teoria Bioecológica na metodologia, Fontes e Brandão (2013) afirmam que o quadro de complexidade característico do esporte e, mais especificamente, da resiliência neste meio, encontra na Teoria Bioecológica um instrumento de conhecimento adequado. Nas palavras delas:

[...] uma visão que captura a complexidade deste mundo sociocultural da resiliência, uma característica pessoal que sofre influências tanto do ambiente quanto do processo de interação entre o indivíduo e seu contexto, é o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano [...] (FONTES; BRANDÃO, 2013, p. 152).

Percebe-se uma forte identificação da definição de resiliência com a de processos proximais. Em ambos os casos, a pessoa envolvida é submetida a ações do tempo e a situações adversas que geram adaptações e se desenvolve com as trocas recíprocas que faz com o ambiente. Este desenvolvimento também é um ponto no qual convergem processos proximais e resiliência, já que, após a pessoa passar pela experiência, a vivência e a supera, se fortalece e modifica comportamentos incorporados no modo de vida. A incorporação de comportamentos como o de superar as dificuldades, não desistir e de suportar a pressão, por exemplo, se perduráveis, nada mais são do que o desenvolvimento da pessoa.

O objetivo do artigo de Fontes e Brandão (2013) é a utilização da perspectiva bioecológica na investigação da resiliência no contexto do esporte de alto rendimento, especificamente no basquetebol feminino. Através de uma pesquisa descritiva qualitativa, realizaram entrevistas semi-estruturadas com sete atletas e ex-atletas que fazem ou fizeram parte da Seleção Brasileira de basquetebol feminino em competições internacionais (mundiais, olimpíadas, pan-americanos ou pré-olímpicos). Categorizaram os resultados em consonância com os elementos do modelo PPCT. No elemento Pessoa, verificaram a existência das características de disposição, recurso e demanda em cada atleta entrevistada. No Processo analisaram-se os acontecimentos que mantiveram as atletas envolvidas no basquete até chegarem ao alto nível. No elemento Contexto identificaram dentro do

microssistema os fatores de proteção que as atletas utilizaram para manterem-se engajadas no basquete e não desistirem da carreira. E, no elemento Tempo, apreenderam a evolução das atletas ao longo da carreira esportiva, identificando os eventos históricos onde ocorrem situações de resiliência.

Dentre as diversas considerações finais geradas pela pesquisa, Fontes e Brandão (2013) apontam que a resiliência se manifesta ao longo da vida das atletas profissionais no âmbito da interação entre os fatores de risco, possíveis causadores de situações de lesão, crises ou experiências negativas, e os de proteção, ações realizadas para evitar ou para superar as situações de experiências negativas. Por ser o esporte de alto rendimento um ambiente que expõe as atletas frequentemente ao risco e ao estresse, fortaleceram-se as características pessoais positivas e a rede de apoio social e afetivo delas, demonstrando ser o esporte causador de situações eficazes para a superação das adversidades e manutenção do engajamento na carreira profissional. Outra constatação do estudo foi que as atletas que possuem atributos pessoais e socioculturais favorecedores da resiliência, não só respondem com sucesso frente às adversidades no esporte, como também desenvolvem recursos que lhes permitem responder com êxito frente às adversidades futuras.

A partir da revisão de literatura realizada sobre a aplicação da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano no esporte, percebe-se que a produção de artigos a utilizando ainda é reduzida, já que foram encontrados apenas quatro publicações que se enquadraram a esta área. Embora deva-se considerar que foram publicados recentemente, entre 2008 á 2013, e que mais estudos podem estar em andamento, ainda assim a escassez de material teórico sobre o assunto limita o campo de investigação. A Teoria Bioecológica como um modelo de pesquisa no esporte é, portanto, muito novo e atual.

A reduzida quantidade de artigos também limitou a apresentação das possibilidades de aplicação da referida teoria no esporte. Em três estudos utilizaram o elemento Pessoa da Teoria Bioecológica. Desta ótica, dirigiram as investigações a atributos pessoais, como: fatores motivadores para ingresso, manutenção e abandono do esporte; caracterização do perfil do praticante de esportes de acordo

com o contexto onde está inserido; e desenvolvimento positivo dos atributos pessoais a partir de situações negativas vividas e superadas no esporte.

Nos três artigos, mesmo que o objetivo se direcione para um dos elementos do modelo, como o dos atributos pessoais (Pessoa), os outros elementos acabam sendo contemplados (Processo, Contexto e Tempo). Ratifica-se então o enunciado teórico de Bronfenbrenner (1996) que evidencia a inter-relação e a recíproca influência e interdependência entre seus componentes. Por sua vez, Koller (2004) reforça a possibilidade de direcionar a investigação a um aspecto específico dentro de um fenômeno mais amplo, sem perder a compreensão do todo.

Além destes estudos, foi selecionado um artigo que faz uma revisão bibliográfica da literatura que aborda a descoberta de talentos e do Treinamento de Longo Prazo. Nele, a Teoria Bioecológica é apresentada como de forte viabilidade de aplicação por ser interacionista e considerar vários aspectos do desenvolvimento, adequados ao período de vida, aos processos, ao contexto e as características pessoais inerentes ao talento esportivo. A analogia que a autora faz em seu estudo é entre o talento esportivo, que está para o Treinamento de Longo Prazo, e a pessoa em desenvolvimento, para a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. O esporte é tido como o sistema que o contextualiza, ao treinamento como processo ao qual passa e o tempo o período que leva o desenvolvimento do talento esportivo desde sua descoberta ou ingresso na modalidade até a chegada ao alto nível de performance.

Esta analogia traz o principal avanço deste estudo e onde ocorre maior aproximação entre os postulados da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e do esporte, mais precisamente no segmento do talento esportivo e do Treinamento em Longo Prazo. O esporte apresenta uma complexidade de fatores que intervêm ao longo da carreira dos atletas e, ao analisar especificamente a formação de novos talentos ou atletas jovens, esse emaranhado de fatores interligados ganha força. Na busca de um paradigma que apreenda a complexidade deste fenômeno e analise a interação das características físicas, biológicas e psicossociais entre si e com o ambiente, a literatura examinada adota a Teoria

Bioecológica do Desenvolvimento Humano como proposta teórico-metodológica que atende às necessidades de conhecimento do cenário esportivo.

Em suma, conforme o exposto no texto, confirma-se a hipótese inicial de que a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano se aplica para pensar o esporte, os diversos elementos que o definem e representa um avanço teórico no assunto. Quando o esporte é percebido como um ambiente ou um sistema, onde ocorrem processos proximais ao longo do tempo e que são causadores do desenvolvimento da pessoa, sendo que esta apresenta características próprias que facilitam, dificultam ou impedem que ele ocorra, encontra-se nele uma característica bioecológica.

Por considerar estes aspectos em sua abordagem, o modelo PPCT da Teoria Bioecológica, de acordo com a literatura investigada, apresenta-se como um modelo adequado à investigação no esporte. Além disso, por apresentar uma ótica que contempla aspectos multidimensionais, pode trazer conhecimentos inovadores para o meio científico e servir como importante ferramenta de apoio para os estudos no esporte.

4 O DESENVOLVIMENTO HUMANO E O ESPORTIVO

Após a discussão do conceito e delineamentos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Capítulo 2) e a análise da sua aplicabilidade na área esportiva a partir de estudos já realizados (Capítulo 3), coloca-se como questão central neste capítulo compreender quais são, no esporte, os elementos propulsores do surgimento e desenvolvimento dos atletas. Essa compreensão visa fazer uma aproximação entre os modelos de desenvolvimento dos talentos esportivos e o desenvolvimento humano, enquanto objetivo central desta dissertação.

Na literatura da área esportiva, a pessoa que demonstra aptidão para um desempenho de alto rendimento é chamado de *Talento Esportivo* e o processo sistemático de desenvolvimento deste indivíduo ao longo do tempo é chamado de *Treinamento de Longo Prazo*, ou *TLP*. Devido a quantidade e a profundidade dos estudos realizados sobre este tema, tanto na literatura nacional como internacional, não se espera aqui esgotar o assunto, mas apresentá-lo e demonstrar sua compatibilidade com o modelo PPCT de Bronfenbrenner. Já nos capítulos iniciais do presente estudo percebeu-se a associação entre a referida teoria e o campo esportivo: o talento corresponde à pessoa, o voleibol ao contexto, o treinamento ao processo e o longo prazo ao tempo.

4.1 O *Talento* para o esporte e a *Pessoa* para Bronfenbrenner

Na área do esporte de desempenho³ utiliza-se o termo *talento esportivo* para designar aquelas pessoas que possuem um potencial, uma habilidade especial ou uma grande aptidão para o desempenho esportivo (BOHME, 2007). Kiss et al. (2004, p.91) ratifica esta definição e acrescenta uma “condição em determinado instante especial” para o desempenho esportivo, já indicando uma idéia de temporalidade ou localidade dentro da detecção deste talento. Esta concepção de Kiss et al. (2004) denota que a condição de talento pode ser atribuída para uma pessoa em um momento da vida em que apresenta rendimentos significativos ao esporte, o que não quer dizer que esta condição perdurará para o resto de sua vida. Neste momento o talento deverá se descoberto e submetido a um processo de preparação para a prática esportiva na busca por um maior desempenho no futuro.

Seguindo a ótica de Bronfenbrenner, Tudge (2008), argumenta que o talento se enquadra no elemento *Pessoa* do modelo PPCT. Este apresenta condições biológicas, genéticas e sociais, mas em um grau de desenvolvimento superior aos demais, diferenciando-o dos seus pares. Krebs (2010) cita características da *Pessoa* como *disposições* (psicológicas), *recursos* (físicas e motoras) e *demandas* (sociais), que são exatamente o que definem e diferenciam um talento esportivo.

Para Martin et al. (2000), talento esportivo é o resultado individual de um processo, que depende das relações temporais existentes entre as disposições genéticas, a idade relacionada com a fase do seu desenvolvimento, as exigências de desempenho esportivo no treinamento e as qualidades psicológicas. Estas variáveis, de acordo com os autores, verificam-se na manifestação de uma capacidade individual acima da média observada nas tarefas esportivo-motoras, em testes de aptidão ou em competições.

³ Esporte que manifesta a busca pela *performance*. Caracterizado por obedecer códigos e regras estabelecidos por entidades internacionais. Objetiva resultados, vitórias, recordes, títulos esportivos, projeções na mídia e prêmios financeiros. Os dois princípios do Esporte de Desempenho são: a Superação e o Desenvolvimento Esportivo (TUBINO, 2007).

Na definição de Martin et al. (2000) percebem-se semelhanças com as categorias apresentadas pelo modelo PPCT, que possibilitam uma analogia e até mesmo a identificação de termos idênticos. Assim, está o talento como *pessoa*, encaminhado a um local ou *contexto* apropriado para o seu desenvolvimento, que passa por um *processo* de treinamento e tem relações *temporais* entre suas disposições genéticas, idade, fase de desenvolvimento e qualidades psicológicas.

Outra definição de Talento Esportivo que merece menção por considerar os aspectos inerentes a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano é a de Joch (1994, apud BOHME, 2007) em sua revisão bibliográfica da literatura internacional. Este autor considera dois componentes na conceituação de talento: o estático e o dinâmico. Para ele, o componente estático compreende: a) a disponibilidade e a disposição, ou seja, o poder e a vontade do praticante em realizar e se submeter a um treinamento com vistas a desenvolver o seu potencial esportivo; b) as possibilidades reais do ambiente onde está inserido, onde estão incluídas as condições de treinamento em longo prazo oferecidas ou não pelo sistema social em que vive; e c) a apresentação de resultados adequados conforme a etapa do TLP.

Já o componente dinâmico relaciona-se com os processos ativos de mudanças bio-psico-sociais pelos quais o talento passa em decorrência do seu desenvolvimento. Ainda segundo o mesmo autor, estes processos ativos de mudança devem ser conduzidos através de treinamento e competição, de acordo com princípios e métodos pedagógicos adequados.

Sobre o caráter estático e dinâmico, Bohme (2007, p. 121) acrescenta que:

Essas conceituações de talento esportivo [...] levando em consideração as características fenotípicas, as condições de treinamento (volume, intensidade e especificidade), a idade biológica de desenvolvimento, as capacidades motoras, a técnica, a constituição corporal, os componentes psicológicos, isto é, a motivação, a disponibilidade para o desempenho, esforço e estabilidade psicológica, assim como o suporte social (família, escola, clube, a organização da modalidade esportiva).

Assim como Bronfenbrenner (2011), Joch (1994, apud BOHME, 2007) ressalta a importância das relações biológicas, psicológicas e sociais, e ambos autores tratam dos processos de desenvolvimento aos quais o talento passa. Bohme

(2007) inclui os microssistemas família, escola, clube e a entidade organizadora esportiva, o que ressalta o elemento contexto.

4.2 TLP como um modelo de desenvolvimento

A formação de um atleta de alto nível de desempenho é um processo sistemático e requer uma série de ações e orientações em várias dimensões e de forma longitudinal, ou seja, com a duração de muitos anos. Este processo sistemático que detém uma atenção ao longo da vida do talento esportivo é chamado de Treinamento de Longo Prazo, ou simplesmente TLP. Bojikian et al. (2007) dizem que o TLP deve se apoiar em um planejamento que acompanhe o atleta desde a iniciação até a chegada no esporte de alto nível. Esta trajetória Bohme (2007, p. 119) classifica em quatro etapas:

A detecção, formação, seleção e promoção do talento esportivo estão diretamente relacionados com o processo de treinamento a longo prazo – TLP, o qual se realizado de forma planejada e sistemática, desempenha um papel fundamental na formação de futuras gerações de atletas talentosos para o esporte de rendimento nas diversas modalidades e níveis de competição esportiva.

As etapas apresentadas por Bohme (2007) são referência para o caminho do desenvolvimento de um talento esportivo. A *detecção* de talentos refere-se aos canais utilizados para encontrar um número suficiente de pessoas, normalmente crianças, dispostas e prontas para aceder à admissão em um programa de formação esportiva geral básica. A *formação* busca desenvolver as qualidades do talento com profissionais capacitados e métodos pedagógicos de treinamento adequados. *Seleção* são os meios utilizados para determinar quais destes talentos possuem condições de encaminhamento a níveis mais altos de treinamento e desempenho. Já a *promoção* de talentos esportivos envolve a utilização dos procedimentos de treinamento e demais recursos necessários para elevar o desempenho dos talentos selecionados. Segundo Bohme (2007), o alto desempenho se atinge com condições de treinamento adequadas, treinadores capacitados, bem como a situação social favorável, desde os microssistemas família, escola e comunidade onde o jovem talento reside.

Cada uma das etapas apresentadas (detecção, formação, seleção e promoção) são seguidas dentro de um modelo de planejamento de prognóstico do TLP, acerca do qual Montagner e Silva (2003, p.189) afirmam ter “critérios objetivos e sistemáticos, com margem tolerável de erro”, e realizado por um período que vai de seis a dez anos de duração, como se vê a seguir.

4.3 Duração e procedimentos realizados no TLP

Antes da apresentação da possível duração e dos procedimentos realizados no TLP, Kiss et al. (2004) fazem uma consideração sobre este tempo e demais padronizações apresentadas na literatura, lembrando que:

O atleta [...] é um estado físico no espaço-tempo, resultante de seu embasamento genético expresso através das condições física e psico-emocional, o qual é modulado na sua expressão por diferentes variáveis ambientais, das quais o treinamento físico é uma delas, outras sendo: condição de saúde, entendida como ausência de lesão, de fadiga crônica e de drogas, nutrição adequada, além de condições sócio culturais favoráveis. (KISS et al., 2004, p. 89).

Desta forma, as etapas e a duração do TLP, conforme a literatura são difíceis de precisar com exatidão porque são influenciadas por diversas variáveis. Além das condições intervenientes no desenvolvimento do atleta apontadas por Kiss et al. (2004), Bojikian (2007) traz em seus estudos sobre jovens esportistas que a diferença entre a idade cronológica e a idade biológica também interfere fundamentalmente na predição do talento. Esta condição, caso não seja considerada, pode causar uma especialização precoce ou até mesmo o descarte de um possível talento em um programa esportivo. A preocupação de Bojikian (2007) é reforçada pela teoria de Bronfenbrenner (2011), quando o autor afirma que um modelo de desenvolvimento deve ser contextualizado e considerar as individualidades da pessoa, além do processo pelo qual passa e do tempo que leva em cada um.

Assim, considerando as particularidades e características individuais dos talentos ingressos no TLP, Bohme (2000) apresenta-o como um período que compreende aproximadamente de 6 a 10 anos de desenvolvimento, desde o

ingresso do talento esportivo ao programa até a chegada ao alto nível. A autora faz também uma condensação de vários modelos de TLP referenciados, como de Barbanti (2000), Platonov (2008), Joch (1994, apud BOHME, 2007), Martin et al. (2000), Zakharov e Gomes (1992) e Weineck (1996), para chegar a uma padronização que contemple um formato único, dividindo-o em três níveis de acordo com as características de desempenho e a idade do participante. As etapas do modelo TLP podem ser vistas no Quadro 1.

Quadro 1 – Padronização das etapas do TLP

ETAPAS	OBJETIVOS	IDADES
1-Formação Básica Geral	-desenvolver capacidades coordenativas; -melhorar o desempenho esportivo geral; -despertar o interesse por treinos e competições; -conhecer as modalidades esportivas para escolher;	6 a 9 anos
2-Treinamento Específico	-melhorar o desempenho esportivo específico, a longo prazo, dentro de uma modalidade; -aumentar gradativamente o treinamento até o alto nível; -estabilizar a motivação para o desempenho; -criar experiências bem sucedidas em competições de idade e desempenho semelhantes;	10 a 17 anos
Treinamento Básico	-melhorar o estado geral de desempenho; -desenvolver as técnicas específicas de uma modalidade esportiva; -experimentar cada método de treinamento; -despertar motivação para o desempenho no treinamento e na competição;	10-12 anos
Treinamento de Síntese	-melhorar desempenho específico da modalidade; -dominar as técnicas mais importantes; -conhecer os métodos de treinamento específicos do esporte; -estabilizar a motivação de desempenho; -disputar de forma bem sucedida competições de nível nacional na sua idade;	13-15 anos
Treinamento de Transição	-melhorar condicionamento; -domínio do repertório das técnicas da modalidade; -tolerar cargas de treinamento exigidas nos diferentes ciclos do planejamento; -disputar de forma bem sucedida competições nacionais e internacionais na sua idade; -alcançar altos desempenhos esportivos;	16-17 anos

Continuação...

3-Treinamento de Alto Nível	-alcançar o alto desempenho individual; -aumentar o volume e intensidade do treinamento; -variar os métodos e conteúdos específicos; -buscar a perfeição, estabilização e disponibilidade máxima da técnica esportiva; -melhorar/manter o mais alto desempenho pelo maior período de tempo possível;	a partir dos 18 anos
-----------------------------	--	----------------------

Fonte: Do autor (2014), adaptado de Bohme (2000) e Dantas (1995).

A primeira etapa deste modelo condensado é a *Formação Básica Geral*, que compreende principalmente o desenvolvimento nas crianças das capacidades coordenativas, tendo como objetivos a melhoria geral do desempenho esportivo, o despertar do interesse por treinos e competições e o conhecimento do esporte escolhido. Dantas (1995) acredita que esta etapa deva compreender crianças de aproximadamente 6 a 9 anos. Neste período o autor propõe estímulos que desenvolvam um amplo repertório motor, aumento das capacidades coordenativas, vivências motoras de forma simples e combinadas e utilização da maior variabilidade possível de materiais. Bohme (2000) afirma que a escola tem papel preponderante neste momento, tanto nas atividades curriculares dentro da Educação Física, como nas extra-curriculares em conjunto com outras entidades de prática esportiva, como clubes, academias, centros esportivos e “Escolinhas”⁴.

A segunda etapa é o *Treinamento Específico*, que objetiva a melhora do desempenho esportivo específico a longo prazo dentro da modalidade que é definida nesta etapa. Além disso, busca-se aqui o aumento gradativo do treinamento até a chegada ao alto nível, estabilizando a motivação para o desempenho e criando participações bem sucedidas nas categorias competitivas de idade e desempenho semelhantes (BOHME, 2000). Esta segunda etapa, que segundo Dantas (1995) abrange crianças aproximadamente dos 10 aos 17 anos, é subdividida por Bohme (2000) em três etapas que se complementam na busca pelo alto nível: Treinamento

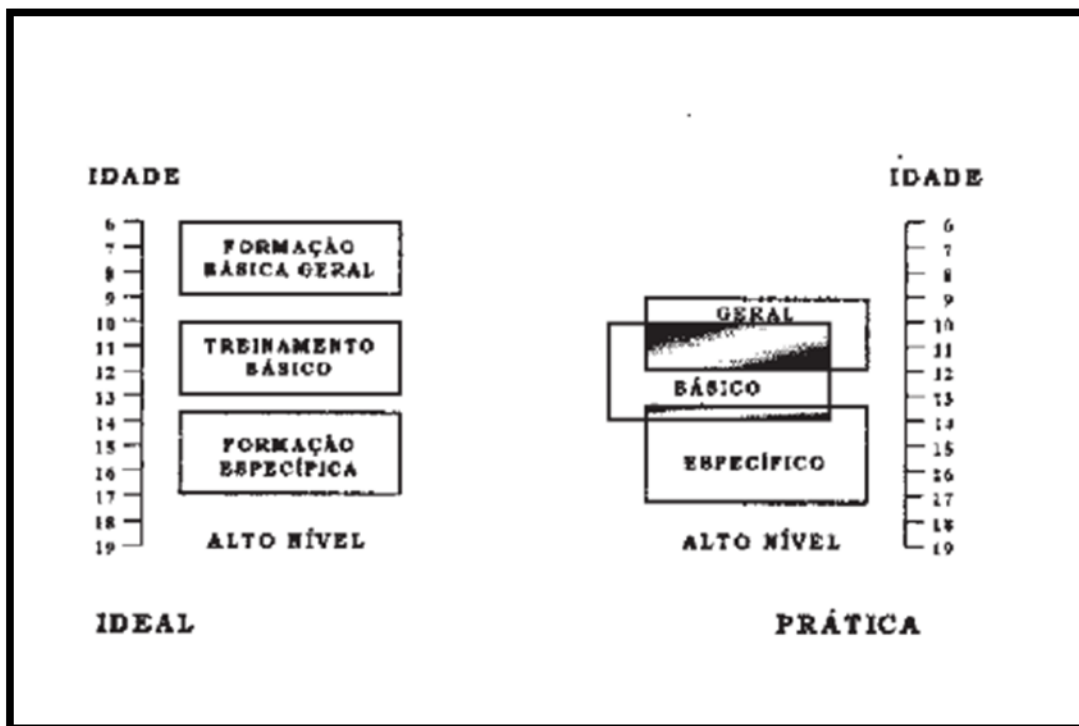
⁴ Montagner e Silva (2003) chamam a atenção para a diferenciação das “Escolas Esportivas” existentes no Canadá, EUA e Rússia, por exemplo, onde são reunidos vários talentos esportivos com o intuito de desenvolvê-los em um TLP geral, para as “Escolinhas Esportivas” existentes no Brasil, abertas para todos e que oferecem iniciação esportiva em uma modalidade específica já na iniciação.

Básico ou de Iniciantes; Treinamento de Síntese ou de Adiantados; e Treinamento de Transição.

A terceira etapa é o *Treinamento de Alto Nível*. Os objetivos desta etapa são o alcance do alto desempenho individual, o aumento otimizado do volume e intensidade de treinamento, variabilidade dos métodos e conteúdos específicos de treinamento, busca da perfeição, estabilização e disponibilidade máxima da técnica esportiva, melhoria e manutenção da mais alta capacidade de desempenho pelo maior período de tempo possível.

Martin (1999, apud BOHME, 2000), atenta para o fato de que a seqüência apresentada no “Quadro 1” é um plano teórico dito ideal em uma projeção de planejamento ao longo prazo para a trajetória esportiva de um talento, mas que no plano real, o TLP pode apresentar diferenças quanto a este modelo. O autor afirma que em casos onde o talento é descoberto e inicia seu TLP de forma tardia, as etapas podem se sobrepor, como ilustra a “Figura 2” a seguir. Neste caso, Bohme (2000) sugere que o responsável pelo treinamento deve procurar meios e estratégias para compensar as deficiências existentes na formação esportiva dos jovens atletas que não tiveram a oportunidade de vivenciar cada etapa adequadamente.

Figura 2 – Plano de projeção Ideal x Real de TLP



Fonte: Bohme (2000), modificado de Martin (1999).

Montagner e Silva (2003) afirmam que mesmo que um programa de TLP seja de boa qualidade, ele está sujeito a influências de diversos elementos de natureza complexa, que poderão modificar de forma positiva ou negativa o desenvolvimento do talento. Entre estas variáveis os autores citam a prioridade política, as características culturais da sociedade, o baixo nível econômico do local onde é realizado, o talento esportivo ser submetido a padrões nutricionais abaixo do recomendado, a precipitação na análise dos resultados obtidos pelo talento ou pelo programa de treinamento, a carência de modelos estatísticos eficientes e práticos e a falta de testes específicos para detecção, formação, seleção e promoção, que possibilitem melhores condições de desempenho.

4.4 A “assistemática” do TLP no Brasil

Dentre as variáveis citadas por Montagner e Silva (2003) como influenciadoras sobre a realização de um TLP, a falta de prioridade em tratar o esporte como política pública evidencia-se quando comparada a realidade do Brasil com os países esportivamente mais desenvolvidos no mundo. O TLP é objeto de pesquisa em todos os países, inclusive no Brasil, mas somente onde o governo tem como filosofia o apoio e a valorização do esporte, os resultados das investigações são utilizados em prol do seu desenvolvimento e as propostas viram realidade.

No cenário internacional, o talento e o processo ao qual é submetido até chegar nos mais altos escalões da elite esportiva são alvo de inúmeras pesquisas. Para ter-se um exemplo, em somente um mesmo estudo, Kiss et al. (2004) citam como referências pesquisas realizadas por 18 laboratórios de desempenho humano em esportes espalhados pelo mundo, além de sistemas de sucesso que promovem os talentos em países como Alemanha, Grã-Bretanha, Cuba, Rússia, EUA, entre outros. As autoras apresentam neste mesmo trabalho várias investigações significativas realizadas também no Brasil, embora nenhuma delas tenha se transformado em um sistema nacional para formação de atletas.

Peres e Lovisolo (2006) também referenciam iniciativas nacionais que desenvolveram produção científica de qualidade a respeito do tema, mas afirmam que o Brasil tem adotado uma política de desenvolvimento esportivo habitualmente caracterizada como errática, a qual parece estar sempre recomeçando a partir do ingresso de cada nova governança no país. A grande diferença do que é apresentado em modelos de outros países é que neles o esporte não é um projeto de governo, mas sim, uma política nacional.

Como no Brasil não há uma sistematização para detectar, formar, selecionar e promover os talentos como orientado por Bohme (2007), nem uma estrutura organizada e adequada para seu desenvolvimento, cada modalidade esportiva acaba por realizar seus processos da forma que julga mais adequado (BOJIKIAN et al., 2007).

Montagner e Silva (2003) criticam o fato do futebol brasileiro utilizar como principal forma de seleção de talentos as “peneiras”, expressão popular para o momentos onde os observadores dos clubes, que não necessariamente tenham algum tipo de preparação para isso e que normalmente são ex-jogadores, avaliem os atletas durante jogos organizados para captação e revelação de novos talentos para clubes formais. Os autores definem este processo como uma seleção natural assistemática e baseada em métodos empíricos e estendem sua crítica a outras modalidades que adotam este processo seletivo.

No voleibol, Bojikian et al. (2007) afirmam ser um paradoxo o sucesso da modalidade, quando comparadas as realidades da iniciação esportiva no país com a dos países do primeiro mundo. Entretanto os autores afirmam que os processos nesta modalidade tornaram-se mais criteriosos, cuidadosos e baseados no conhecimento das características principais necessárias a um atleta de destaque na modalidade. Além disso, o processo é amparado, segundo eles, em profissionais atuantes na área do TLP.

Ademais, Peres e Lovisolo (2006) destacam que, apesar da realidade nacional não estar adequada aos modelos de TLP apontados na literatura, o Brasil tem tido êxito relativo em várias modalidades como futebol, voleibol, natação, vela, hipismo e outros. Mesmo sem o sistema resultante da ação política continuada, seja ela de origem pública ou privada, estes autores reconhecem que o esporte brasileiro tem encontrado soluções, embora parciais e talvez precárias, que possibilitaram a conquista de resultados expressivos mesmo sem as condições necessárias para tanto.

5 INVESTIGANDO O SURGIMENTO E A FORMAÇÃO DOS TALENTOS PARA O VOLEIBOL

Baseando-se na sugestão de Bohme (2000) e Dantas (1997) para um modelo de Treinamento a Longo Prazo para formação de atletas (como visto no capítulo 4) e sabendo das possibilidades oferecidas pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como um modelo de estudo e sua aplicabilidade no esporte (capítulos 2 e 3), pretende-se apresentar a partir daqui os procedimentos metodológicos que foram utilizados para investigar como ocorre a formação das atletas que chegam à seleção brasileira de base de voleibol feminino.

5.1 Tipo de pesquisa

A presente dissertação de mestrado está baseada em uma abordagem do tipo qualitativa. O paradigma qualitativo de pesquisa é entendido por Negrine (2004) como um estudo centrado na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo de investigação, para compreender de forma contextualizada o entorno, sem generalizar os resultados encontrados nem quantificá-los ou numerá-los. Sendo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano uma teoria contextualista (TUDGE, 2008), o paradigma qualitativo parece ser o mais coerente e indicado. Negrine (2004) ainda apresenta a pesquisa qualitativa como importante forma para abordar e discutir aspectos sociais e filosóficos complementares a uma discussão central, exemplificando-a como

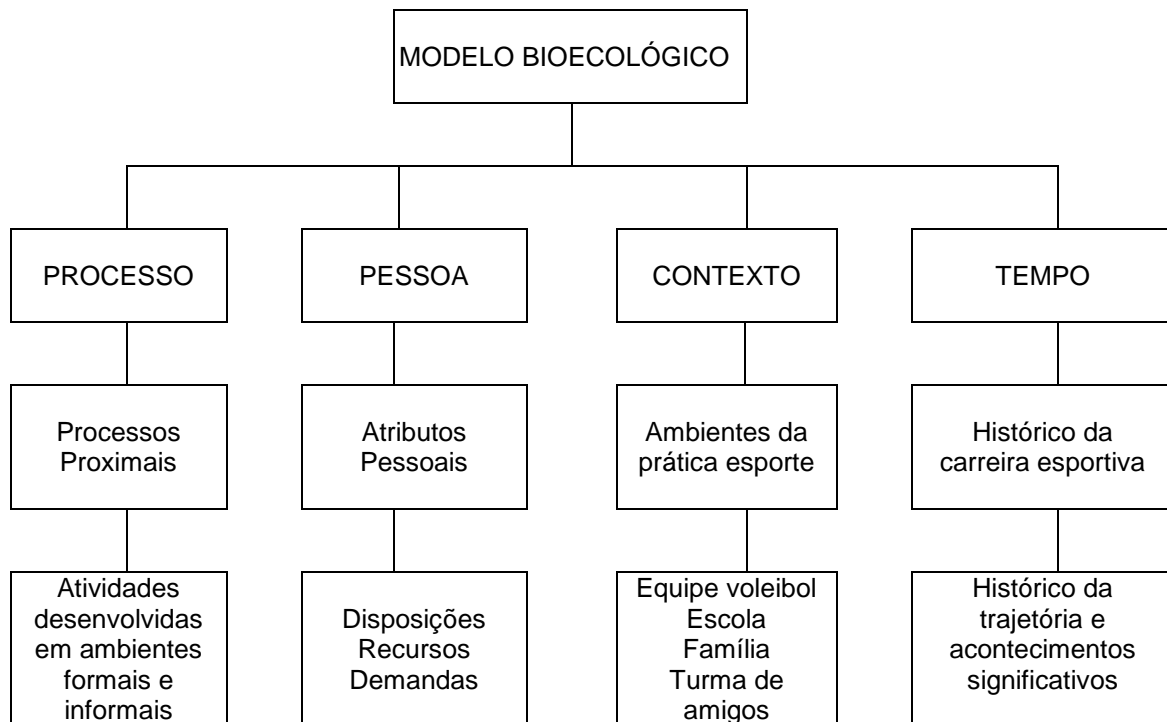
importante metodologia para o estudo dos campos sociais, familiares e escolares, justamente ambientes de relevância e que são permeados por este estudo.

Dentro da perspectiva qualitativa, será aplicado o modelo PPCT (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo). Como este modelo busca “descrever um conjunto de processos através do qual pessoa e ambiente interagem para produzir mudanças ao longo da vida” e “analisar as variações nos processos e resultados de desenvolvimento como função conjunta das características do ambiente e das propriedades psicológicas da pessoa” (KREBS, 2010, p. 35), este estudo investigou como cada um dos elementos do modelo interage no fenômeno descoberto e desenvolvimento de atletas de voleibol que chegam à seleção brasileira feminina de base, identificando e analisando este processo sob o olhar bioecológico.

Os elementos do modelo PPCT serviram também para categorização das informações coletadas durante esta investigação. O elemento *Processo* identificou as atividades realizadas em ambientes informais e formais na infância e as atividades sistemáticas de treinamento e competições que são submetidas às atletas em formação. As atividades das quais as atletas investigadas participaram e que contribuíram para o seu desenvolvimento são consideradas como *processos proximais*. No elemento *Pessoa*, foram identificados os atributos de disposições (características pessoais), recursos (habilidades e conhecimentos) e demandas (interações e reações nas pessoas) que caracterizam estas atletas. No *Contexto* buscou-se as definições dos ambientes ecológicos e os níveis onde estão inseridas, bem como as interações entre os sistemas que possam interferir no processo de formação destas atletas. Já o elemento *Tempo* apontou os eventos históricos significativos ocorridos durante sua trajetória até a Seleção Brasileira.

A Figura 3 ilustra a aplicação do modelo PPCT neste estudo, bem como possibilita a visualização dos aspectos específicos que foram categorizados em cada um dos elementos do modelo bioecológico.

Figura 3 – Fluxograma do modelo de análise do PPCT para este estudo



Fonte: Do autor, adaptado de Fontes e Brandão (2013).

5.2 População e amostra

As seleções brasileiras de base compreendem equipes masculinas e femininas subdivididas em três categorias de acordo com a faixa etária: Infantil (até 15 anos no feminino e 16 anos no masculino), Infanto-juvenil (até 18 anos no feminino e 19 anos no masculino) e juvenil (até 20 anos no feminino e 21 anos no masculino). Em cada categoria são avaliados inúmeros atletas durante observações por todo o país, mas somente um grupo reduzido, que varia de 18 a 24 atletas para cada categoria são selecionados para efetivamente ingressarem no processo de treinamento para as competições internacionais. No decorrer destes treinamentos, a quantidade de atletas vai sendo gradualmente reduzida até definirem-se os 12 que comporão oficialmente a equipe que representará o Brasil nas competições sul-americanas ou mundiais.

Como amostra desta investigação, foi escolhida de forma não-probabilística e intencional, uma equipe das categorias de base feminina da Seleção Brasileira de voleibol, que estava em preparação para os Jogos Sulamericanos da Juventude, disputado na Colômbia. Mesmo sendo esta competição na categoria sub-23, a Confederação Brasileira de Voleibol enviou uma equipe mais jovem, composta por atletas de 15 a 18 anos, com o objetivo de proporcionar maior experiência internacional para estas atletas que integrariam as seleções infanto-juvenil e juvenil nas disputas dos Campeonatos Sulamericanos de suas respectivas categorias durante o ano de 2014. O período de treinamento no qual foram coletados os dados compreendeu o pré-competitivo, onde a equipe estava na semana anterior à competição e com o grupo já definido por 12 atletas, as quais todas participaram do presente estudo⁵.

A intencionalidade da amostra se deve à busca de uma interpretação fenomenológica abrangente, que contemple perspectivas de atletas de diferentes estados do Brasil e que são comprovadamente talentos na modalidade, já que passaram por processos seletivos de alto nível e compõem a elite do voleibol nacional em suas idades. Mezzaroba e Monteiro (2006) justificam a intencionalidade na escolha da amostra, por possibilitar a obtenção de perspectivas de vários ângulos diferentes, perceber suas relações sem preocupação com origem e causalidade, interessando apenas a realidade a partir da experiência de interpretação, compreensão e comunicação.

5.3 Coleta dos dados

Para coletar os dados pertinentes a análise da formação das atletas do voleibol brasileiro, foram usados os instrumentos e procedimentos descritos a seguir.

⁵ A Federação Internacional de Voleibol (FIVB) promove, em um ciclo de dois anos, competições continentais e mundiais, sendo a primeira classificatória para a segunda. Nestas competições oficiais o regulamento permite que as equipes representativas de cada país possam ser compostas por, no máximo, 12 atletas.

5.3.1 Procedimentos técnicos e metodológicos

A equipe investigada estava concentrada em treinamento no Centro de Desenvolvimento do Voleibol da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), em Saquarema, no Rio de Janeiro. Mediante contato prévio oficial, por intermédio de uma carta de apresentação, e o devido aceite para a realização deste estudo, foi agendada previamente a data da coleta dos dados neste Centro.

Em comum acordo com a comissão técnica da referida equipe, foram escolhidos os momentos mais oportunos, bem como um local reservado, para serem realizadas as entrevistas. O local permitiu uma atenção e interação adequada entre entrevistador e entrevistado e também garantiu o sigilo das informações dadas. As entrevistas tiveram duração entre 30 e 45 minutos e foram filmadas, para posterior transcrição e análise das informações. A filmadora utilizada foi uma *handycam*, da marca Sony, modelo DCR-SR47 HDD.

Após a coleta e transcrição dos dados, foi feita a categorização das informações de acordo com o proposto pelo modelo PPCT (Figura 3) e analisadas conforme o referencial teórico e a abordagem da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

5.3.2 Instrumento de coleta

Para coleta dos dados foi utilizada a entrevista. Mezzaroba e Monteiro (2006) definem este instrumento como uma conversação intencional sobre um determinado tema, que serve para coleta de dados principalmente do campo social, utilizada normalmente por profissionais como psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais, profissionais da saúde, entre outros. Nas entrevistas, o entrevistador pode redigir as respostas literalmente, ou usar um gravador para a transcrição posterior. Neste estudo as entrevistas foram filmadas e posteriormente transcritas.

O tipo de entrevista utilizada foi a semi-estruturada que, segundo Negrine (2004), parte de um roteiro prévio de perguntas, podendo ser acrescentadas outras

novas a este roteiro na medida em que ocorrerem novos aspectos na entrevista. As questões foram do tipo abertas, permitindo ao entrevistado responder livremente, usando sua própria linguagem e sem limitações de tempo para cada resposta. O tema central das questões abordou a trajetória esportiva, utilizando a ótica dos elementos do modelo PPCT da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. O roteiro das questões abordadas pode ser visto no *Apêndice A*.

Antes da realização das entrevistas, durante o período de quatro dias em que as mesmas foram realizadas, o pesquisador participou dos treinamentos da equipe e das demais atividades nas quais as atletas estiveram envolvidas. Esta aproximação facilitou a coleta das informações pois oportunizou ao pesquisador ser visto como pessoa “comum” ao ambiente em que os dados foram coletados.

5.4 Apresentação e discussão dos resultados

Os resultados obtidos através das informações contidas nas entrevistas foram apresentados e discutidos, tomando por base tanto a literatura especializada quanto a experiência profissional do autor em 16 anos de atuação na área investigada. Sobre esta última, será utilizado um olhar distanciado de sua atividade profissional, o que Da Matta (1978, p.46) chama de “tornar o familiar em exótico”, para compreender melhor as relações entre os resultados, suas causas e efeitos.

A apresentação e discussão dos resultados segue as categorias elencadas e análogas aos elementos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

5.5 Questões éticas e legais

Os participantes deste estudo foram convidados mediante uma carta de apresentação e aceitaram fazer parte do mesmo com a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado, conforme modelo apresentado no *Apêndice B*.

O projeto desta pesquisa foi protocolado na Plataforma Brasil e aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Univates - Centro Universitário (COEP/Univates), de acordo com parecer 565.842, e respeitou a Resolução 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Segundo esta resolução, os indivíduos envolvidos na pesquisa têm autonomia na decisão de participar ou não, aceitando os riscos e benefícios e garantidos de privacidade e confidencialidade no manejo das informações apresentadas na pesquisa em questão.

6 CARACTERIZAÇÃO BIOECOLÓGICA DAS ATLETAS DAS CATEGORIAS DE BASE DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL FEMININO

Para analisar os elementos subjacentes ao surgimento e desenvolvimento das atletas que chegam a Seleção Brasileira de voleibol feminino de base sob a ótica da perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, as informações resultantes das entrevistas foram categorizadas conforme os elementos que compõem o modelo PPCT. Desta forma, os aspectos relacionados a *Pessoa* estão contemplados na seção “Características pessoais das atletas que ingressam e obtém sucesso no voleibol”; ao *Processo* estão na seção “Processos que contribuem com o surgimento e o desenvolvimento dos talentos”; já no que diz respeito ao *Contexto* estão apontados em “Ambientes, relações e influências na formação de atletas”; e por fim estão apresentadas as informações referentes ao *Tempo* na seção “Trajetória esportiva e eventos históricos significativos ao desenvolvimento”.

Por estarem inter-relacionados, apesar de representarem categorias distintas em vários momentos, os elementos apresentados acabam por interagir e “convergir” entre si, o que enriquece a compreensão do todo. Antes, por tratar-se de uma teoria que considera todo o contexto que envolve o objeto de estudo (BRONFENBRENNER, 2011), são necessárias algumas considerações sobre a representatividade da amostragem, o alcance e a relevância dos resultados encontrados neste estudo.

6.1 A relevância da amostragem e sua representatividade no voleibol nacional

Foram entrevistadas 12 atletas da Seleção Brasileira de voleibol feminino de base, com média de idade de 16 anos e 10 meses (15 a 18 anos), na última semana de preparação para uma competição sulamericana em que representaram o país no ano de 2014. Embora jovens, todas estavam entre a sua segunda e quarta convocação para a equipe nacional. Estas atletas provêm dos principais estados brasileiros formadores do voleibol nacional: Rio Grande do Sul (3), Rio de Janeiro (3), Minas Gerais (2), Santa Catarina (2), Paraná (1), São Paulo (1). Elas ingressaram ao voleibol e desenvolveram suas primeiras habilidades vinculadas a equipes em seus respectivos Estados de origem. Grande parte delas, no momento da entrevista, participava de equipes diferentes daquelas onde começaram sua carreira. A metade das entrevistadas fazia parte de equipes de São Paulo (6), estado onde se concentra a maioria das equipes que disputam a Superliga nacional, principal competição do Brasil, e conseqüentemente uma vitrine para as atletas que buscam se incorporar ao voleibol profissional. O restante das atletas entrevistadas estava em equipes do Rio de Janeiro (2), Paraná (2), Santa Catarina (1) e Rio Grande do Sul (1).

Por terem sido formadas no esporte em seis diferentes estados brasileiros, ao mesmo tempo em que as atletas participantes deste estudo representam uma parte geograficamente significativa do país e possibilitam identificar uma diversidade de contextos, trazem também a realidade representativa somente de estados economicamente fortes do sul, sudeste e centro-oeste, onde ocorrem os principais investimentos no esporte nacional. Para exemplificar o caso do voleibol, das equipes pré-confirmadas pela Confederação Brasileira de Voleibol para a edição 2014/2015 das Superligas masculina e feminina, doze são de São Paulo, seis de Minas Gerais e cinco de outros estados do Sul, Sudeste ou Centro Oeste, totalizando vinte e três das vinte e cinco equipes participantes na principal competição do voleibol brasileiro. Estes dados confirmam onde estão centralizadas as ações do voleibol nacional e, como a amostragem participante da presente dissertação é originada neste contexto, demonstra também a importância da sua representatividade.

Embora não contemplem as especificidades dos possíveis processos formativos ocorridos no norte e nordeste, onde também se realizam trabalhos significativos de formação para o voleibol, mas com menor alcance, é possível uma compreensão mais aprofundada dos ambientes onde atualmente estão sendo formadas a grande maioria das atletas que chegam até as Seleções Brasileiras de base. A generalização dos resultados aqui apresentados para uma ocorrência nacional não é um objetivo tampouco a característica deste estudo, como lembra Negrine (2004) a respeito de pesquisas qualitativas, mas ainda assim podem ser considerados como uma tendência e tratados como tal dentro das Seleções Brasileiras de base.

Desta forma pode-se afirmar que, mesmo não contemplando os processos de descoberta e formação ocorridos em todos os estados brasileiros, a amostra deste estudo é relevante e pode ser interpretada como a representatividade dos processos que mais resultam na formação de atletas que chegam as Seleções Brasileiras de base.

6.2 Atributos pessoais para ingressar e obter sucesso no voleibol

As características pessoais das atletas que defendem o país nas Seleções Brasileiras de base foram apontadas a partir do relato que elas fizeram por meio de entrevistas dirigidas. Para algumas, falar de si mesmo não é uma tarefa fácil, exigiu delas um tempo para refletirem antes de cada resposta ou voltarem ao tema em um momento posterior por dar-se conta de alguma característica que não havia sido citada. Mesmo assim, apresentaram ciência de suas qualidades, dificuldades e limitações, apresentadas a seguir como atributos pessoais de disposições, recursos e demandas (KREBS, 2010) que as levaram ao ingresso no voleibol e alcance do alto nível.

6.2.1 Disposições

A partir das entrevistas com as atletas, foram identificadas entre as características gerativas o gosto por atividades físicas desde a infância, o temperamento competitivo, perseverante e determinado. Argumentam que enfrentam as dificuldades e buscam superá-las para alcançar seus sonhos, mantendo-se persistentes em seus projetos apesar das barreiras que encontram. Afirmam que gostam de treinar e superar limites, amam o voleibol, valorizam ser parte de um grupo e ter uma personalidade para tomada de decisões importantes.

Embora os diferentes tipos de práticas corporais que as atletas tenham realizado na infância, que conforme a Teoria Bioecológica correspondem a um processo proximal de desenvolvimento a ser apresentado mais adiante, cabe ressaltar aqui que o gosto pela atividade física e pela competição são características pessoais que criaram uma pré-disposição desde a infância para engajarem-se e manterem-se no esporte.

Em seus discursos acerca da infância, referem-se às diversas atividades físicas, esportivas ou brincadeiras, como prazerosas. *“Eu adorava”, “era bem legal”,* foram expressões utilizadas pelas atletas para expressar o gosto e a empolgação que sentiam na realização daquelas práticas que representam a pré-disposição para a carreira esportiva profissional.

Ao se remeterem ao passado, percebe-se a alusão ao contexto como potencializador do desenvolvimento de características pessoais. Assim, as aulas de educação física correspondem a um microsistema freqüentado pelas atletas, citado inúmeras vezes como um ambiente que possibilita na infância uma prática com a qual se identificam. Para isso as atletas usaram em seus discursos as falas *“era a aula mais legal que eu tinha”* e *“era minha matéria favorita”*.

Além do gosto pelas atividades físicas, a partir das falas percebe-se que o caráter competitivo é um dos atributos ressaltados pelas atletas entrevistadas. Esta é uma atitude frequente, essencial, uma vez que estão inseridas em uma atividade esportiva fundamentada na disputa de competições, torneios e eventos.

Nesse sentido, as atletas entrevistadas manifestaram sua negação diante da perda e a ânsia por ganhar: *“Eu não aceito perder. Às vezes a gente perde, mas eu nunca aceito. Se eu posso ser a melhor, então eu tenho que ser a melhor, se meu time pode ganhar então ele tem que ganhar”*, disse uma delas.

Sob a perspectiva teórica de Tudge (2008), o contexto, neste caso representado tanto pelas aulas de educação física quanto pelas equipes esportivas das quais as atletas fazem parte, tem características instigadoras para o desenvolvimento da pessoa. Quando esta pessoa gosta da atividade física, é competitiva e o ambiente em que se insere lhe oferece condições para realizá-la, ocorre uma convergência entre a pessoa e o contexto, potencializando o engajamento e a manutenção da atleta no esporte.

Uma das questões que se observa através dos discursos é que o atributo da competitividade, que conforme apontam é inerente à prática do voleibol e às praticantes, é reforçado por atitudes perante a vida. Ao se autodefinirem como *“sou guerreira”*, *“sou muito determinada”*, *“sou persistente”*, *“sou focada”*, evocam características próprias que reforçam o espírito competitivo incorporado em suas vidas profissionais e individuais.

Em outros termos, as falas das atletas da Seleção Brasileira revelam algumas características da personalidade: se querem algo, se tem um desejo, fazem o máximo esforço para alcançá-lo. Por trás dos termos usados para se auto definir, identificam-se alguns significados: *“foco”* significa saber com clareza o que querem e caminhar nesta direção. *“Determinação”* e *“persistência”* são atitudes assumidas para enfrentar as dificuldades. *“Superação”* é vencer as adversidades. Enfim, todos estes atributos pessoais de disposições são considerados por elas a chave do sucesso obtido até este momento da carreira esportiva.

A interpretação deste resultado, com base em Joch (apud BOHME, 2007), indica a importância da disponibilidade e da disposição de um talento para o esporte. Ou seja, o poder e a vontade de realizar e submeter-se a um treinamento com vistas a desenvolver seu potencial esportivo. Bohme (2007) reforça essa afirmação

citando, além da disponibilidade para o desempenho, a motivação, o esforço e a estabilidade psicológica como elementos indispensáveis a este atleta.

Outra disposição comum citada pelas atletas e que talvez preceda qualquer outra é o amor pelo voleibol, sentimento que faz com que assumam a carreira de atletas como projeto de vida profissional. Argumentam que jogar voleibol é o que sabem fazer, é para o qual têm sido preparadas e com o qual se identificam, então, não concebem a vida em outro campo profissional. Aspiram poder se sustentar economicamente a vida toda como profissionais do vôlei, até se aposentarem. Dentre as atividades físicas praticadas por elas, o vôlei foi a que despertou mais interesse e criou sentimentos de amor e felicidade, entre outros, sem os quais nada do que fazem teria o amplo significado que tem hoje.

Com relação às características pessoais disruptivas para o ingresso no voleibol, as atletas não fizeram nenhuma alusão em suas falas. Enquanto as características pessoais disruptivas para a manutenção e continuidade no voleibol, apareceram reiteradamente.

Apenas uma das entrevistadas parou efetivamente de jogar durante um tempo por iniciativa própria. Algumas ficaram afastadas temporariamente contra sua vontade somente por causa de lesões, mas a grande maioria é assolada por pensamentos de abandono do voleibol. Estes pensamentos decorrem, principalmente, da insegurança quanto ao futuro e da incerteza acerca de capacidade de chegar ao voleibol profissional.

Weinberg e Gould (2001) relataram casos em que a sensação de falta de evolução no desempenho e a percepção de que uma carreira profissional seria improvável levaram atletas a pararem de praticar esportes. No presente estudo, a incerteza diante do futuro, apresentada pelos autores citados, confirma-se no universo social estudado.

A incerteza que “cansa”, segundo as atletas, é motivada pela vulnerabilidade em que elas se encontram em termos físicos. Em caso de lesões ou quando tem baixa estatura correm o risco de serem afastadas da equipe profissional. Outra das situações em que se percebem manifestações de incerteza no futuro é quando

relacionam a carreira esportiva com a carreira educacional. Nesta relação vêem um desencontro, pois a dedicação ao esporte impede o investimento em educação superior. Situação que representa um risco, pois o futuro da carreira esportiva é incerto. Contudo, em algumas circunstâncias, quando alcançam sucesso no vôlei, este pode ser um aliado da educação, já que através do esporte, as atletas conseguem bolsas em educação superior, mesmo que, às vezes, para isso tenham que sair do país.

Além disso, contemplam a possibilidade de afastamento do vôlei, “*de para*”, quando passam por momentos de crise, que como elas dizem “*são passageiros*”, “*sempre tem uns altos e baixos*”. As crises são motivadas por diversos fatores, um deles é pela pressão que resulta do acúmulo de responsabilidades, porque junto com os compromissos no esporte, elas têm que dar conta de tarefas escolares. Outro dos motivos de crise aludidos refere-se às saudades da família, principalmente no início da carreira que sentem mais falta da convivência familiar. Também apontaram como fator de crise o baixo rendimento em treinamentos ou jogos importantes.

Weinberg e Gould (2001) definem estes momentos de crise como sentimentos de baixa realização pessoal, baixa auto-estima e depressão, e citam que resultam na diminuição de rendimento das atletas. Para superar os pensamentos negativos que as invadem nessas circunstâncias, é de suma importância estar em um ambiente acolhedor, onde as atletas estabeleçam relações pessoais de apoio, que escutem palavras de alento e encontrem gestos de solidariedade necessários na recuperação do equilíbrio emocional. Becker Jr. (2002) define esse fenômeno como apoio social.

Um exemplo de apoio social ocorrido com uma das atletas pode ser evidenciado na fala a seguir:

Numa reunião de final de ano, tipo festa de encerramento, eu ganhei um prêmio de destaque do ano e meu técnico falou pra eu não parar de treinar. Isso foi em 2012, aí em 2013 eu fui pra Seleção...foi por causa daquele prêmio que eu não parei (ATLETA 2, 20/02/2014, p.4).

O apoio social é a troca de recursos entre indivíduos com intenção de aumentar o bem estar de um dos dois (BECKER JR., 2002). Segundo o autor este tipo de comportamento aumenta o sentimento de coesão de grupo, auxiliando na manutenção do atleta que pensa em retirar-se da atividade ou recuperar aquele que já se retirou. Desta forma, o apoio de todas as pessoas envolvidas nos diferentes microsistemas aos quais a atleta faz parte (família, amigos, escola, colegas de equipe entre outros) é válido.

Nas conversas com as atletas durante a pesquisa de campo, percebeu-se que um dos sujeitos que desempenha um papel primordial no apoio social das atletas é o técnico. Do qual recebem apoio através do estímulo, que as vezes se dá ao homenagear as atletas que se destacam com prêmios, e em outras chamando-as para jogar em campeonatos importantes. Este apoio também é recebido do técnico mediante conversas onde este as anima a se superarem em fases de declínio profissional. Além do técnico, a família também desempenha essa função de apoio social.

6.2.2 Recursos

As características biopsicossociais das atletas que facilitam seu desenvolvimento, sejam natas ou adquiridas ao longo da sua vida esportiva, são chamadas de recursos. Krebs (2010) classifica de recursos às habilidades e conhecimentos, o biótipo físico e demais fatores inerentes à pessoa que facilitam a realização das tarefas significantes para uma área de atuação. Quando os recursos são facilitadores do desenvolvimento são chamados de competências e quando dificultam, limitam ou o impedem são chamados de disfunções (BRONFENBRENNER, 2011). No caso do voleibol, alguns exemplos de recursos tornam-se evidentes como a elevada estatura, como um elemento nato, ou mesmo a força física, adquirida com o treinamento.

A habilidade técnica, que pode ser decorrente do processo de treinamento e capacitação do atleta ou mesmo de uma facilidade ou dom natural para sua

execução e aprendizagem, é um importante recurso que facilita o manuseio da bola e a realização das ações de jogo (KREBS, 2010).

Para as atletas entrevistadas, a habilidade técnica, a estatura elevada e a força física são suas principais competências e fatores determinantes para o sucesso no voleibol. Em suas falas, as atletas manifestaram possuir desde a infância “facilidade” para realizar atividades físicas, lúdicas e esportivas: brincar, jogar, basquete, handebol, capoeira e taekwondo foram exemplificadas. Em alguns casos, mais do que facilidade para essas atividades, as atletas dizem que se destacavam em várias destas atividades que praticavam.

Conforme o anterior, a habilidade das atletas se estende para outras praticas, além do voleibol. Mas especificamente no voleibol, as atletas entrevistadas disseram ter conquistado títulos e prêmios individuais em importantes competições como o prêmio “*de melhor central*”; “*de melhor jogadora e melhor oposta*”, “*de melhor bloqueadora*” em competições de alto nível de exigência, como nos Campeonatos Sulamericanos.

A estatura elevada, um recurso significativo para a prática do voleibol de alto rendimento, foi citada pelas atletas como um atributo positivo em suas vidas desde a infância e fundamental para terem ingressado na modalidade. Tanto que algumas argumentam que quando iniciaram no voleibol sua única qualidade era o tamanho: “*No começo eu era só grandalhona*”, declara uma delas. Então a altura é condição para se inserir inicialmente no time e, ao longo da carreira, se torna necessária para alcançar o alto nível.

Nesse sentido, quem carece desse recurso, por “ser pequena”, tem que compensar com outras habilidades como “o bom domínio” e “boa técnica”. A esse respeito é ilustrativa a fala de uma atleta quando disse: “*Acho que a altura (falta) atrapalha um pouco, então tenho que redobrar em outras coisas, em habilidade... é complicado!*”. Assim como esta atleta, outras que se qualificam “baixas”, mencionaram habilidades que elas detêm e que compensam a falta de estatura: o salto, a agilidade e a rapidez. Já quem, além de não ser alta, não tem o melhor salto, nem é “a mais forte”, precisa compensar tecnicamente. Uma atleta que se encontra

nesta situação disse que ela tem que se adaptar às posições ou funções de jogo que tem capacidade para assumir e melhorar tecnicamente.

Percebe-se o uso do termo “esforço” para significar o comportamento adotado pelas atletas para superarem alguma limitação.

Eu acho que sou esforçada. Não me acho muito habilidosa, mas eu sou esforçada. Eu me acho normal nisso, mas acho que é mais esforçada do que habilidosa (ATLETA 5, 20/02/2014, p.7).

Os recursos apresentados por estas atletas confirmam os resultados de Guerreiro e Lopez (2003) em seus estudos com jovens atletas de voleibol, que definem a estatura e o alcance (altura máxima que o atleta atinge saltando) como indicadores precoces de candidatos a elite da modalidade. Na mesma linha de idéias, Silva et al. (2003) afirmam que o perfil do jogador de voleibol deveria ser alto, ágil, possuir envergadura e altura de alcance elevadas, e baixa gordura corporal.

O alcance, apontado tanto por Guerreiro e Lopez (2003) como por Silva et al. (2003), é dependente da capacidade de salto da atleta. Para ter uma boa capacidade de salto, a força física é primordial. Acerca do assunto, as atletas entrevistadas apontam como competências suas a “força física” e a “boa impulsão”.

É consenso na literatura a importância de um somatório das variáveis antropométricas (estatura, comprimento de membros inferiores, composição corporal, somatotipo, entre outras) com as de desempenho motor (salto vertical, altura de alcance, agilidade e outras) para a obtenção do mais alto desempenho no voleibol (BOHME, 2007; GUERREIRO; LOPEZ, 2003; SILVA et al., 2003; BARBANTI, 2000). Desta forma, espera-se que em uma seleção nacional se encontrem estes dois atributos de recurso nas mesmas atletas.

Chama a atenção que os recursos de habilidade técnica, estatura elevada e força física podem ser complementares em uma única atleta, em um mesmo período da vida (KISS et al., 2004). Às vezes, um desses recursos pode ser utilizado como alternativa para suprir a falta de outro. É o caso da falta de estatura ser compensada com maior capacidade de salto e agilidade, ou a falta de força compensada por uma grande habilidade técnica.

Em contraponto as competências apresentadas, estão as disfunções. Ingressando na temática das dificuldades e limitações que as atletas percebem em si, o atributo onde elas estão mais insatisfeitas é a estatura. Então, se antes foi observado que a falta de estatura deixa de ser um empecilho no vôlei quando as atletas a compensam desenvolvendo outras habilidades, em algumas situações observa-se que a estatura, mesmo para as atletas consideradas altas, representa uma disfunção quando analisada a partir do voleibol profissional e do nível competitivo internacional. Sentem-se em desvantagem, já que ser baixa representa uma ameaça à continuidade na carreira como jogadoras de voleibol.

A maioria das atletas da Seleção Brasileira entrevistadas disseram que sempre foram maiores nos ambientes escolar e esportivo que frequentavam na infância. Contudo, como vimos, a estatura na idade atual é vista no âmbito do esporte tanto como uma competência quanto como uma disfunção.

Em certos casos, mesmo que a atleta apresente uma estatura elevada para os padrões nacionais nas categorias de base, que para a realidade de suas equipes e adversários nos clubes e escolas pode ser uma competência, ao chegar na Seleção Brasileira para competir internacionalmente ou para ingressar no voleibol profissional, a sua estatura pode ser abaixo da ideal, ou seja, uma disfunção. Veremos no item 6.3 *“Processos que contribuem com o surgimento e o desenvolvimento dos talentos”*, que é freqüente atletas jogarem em suas equipes em uma função tática (ou posição) e na seleção em outra, ou mesmo que no decorrer da sua trajetória esportiva o atleta passe a realizar funções diferentes a medida que é promovido para categorias superiores.

Cabe aqui uma consideração comum apontada por vários autores como Massa et al., (1999), Bohme (2007), Bojikian e Bohme (2008), Lovisolo e Peres (2006), Montagner e Silva (2003) entre outros, sobre a forma empírica que ainda rege sobre a detecção e promoção dos talentos esportivos no Brasil. Percebe-se a necessidade de uma elevada estatura para competir a nível internacional no voleibol, mas não aprofundam-se estudos e avaliações quando encontram-se possíveis talentos com esta característica física. Bohme (2007) indica que, ao

encontrar crianças de maior estatura que as demais da sua faixa etária na infância, deve-se investigar se a causa disso não é uma maturação biológica precoce, um indicativo enganoso de predição de estatura elevada que pode causar tanto uma especialização precoce como até mesmo o descarte de um possível talento em um programa esportivo.

Bojikian (2007) realizou investigações com atletas de voleibol das seleções brasileiras infanto-juvenil, juvenil e adulto sobre a diferença entre suas idades cronológicas e biológicas e descobriu que quanto mais alto o nível competitivo, mais tardio é o início da prática, a idade da menarca, além da estatura ser mais elevada. Em outro estudo, o mesmo autor encontrou na seleção da categoria infanto-juvenil (até 17 anos) meninas de maturação mais tardia que na categoria infantil (até 15 anos), o que indica que essa variável pode estar interferindo no processo de seleção e na passagem de uma categoria para outra, ou de um nível de desempenho para outro mais elevado (BOJIKIAN, 2005). No mesmo sentido dos resultados encontrados pelo autor, os aqui apresentados indicam uma falta de controle dos fatores biológicos que influenciam no processo formativo, evidenciado por causar uma necessidade de substituição de atletas no avançar das categorias por deparar-se no futuro com limitações físicas que no início da carreira não foram percebidas ou identificadas.

Os dados apresentados acerca da pesquisa com as atletas do voleibol vão ao encontro da preocupação da literatura com a falta de mecanismos sistemáticos de controle e acompanhamento do talento. A ausência de uma investigação com maior profundidade, principalmente sobre questões maturacionais, que possam indicar para a elite do voleibol nacional atletas que não estagnem no meio do seu processo de desenvolvimento é um fator limitante e torna-se fundamental a superação deste entrave para que as pretensões na formação de atletas de alto nível sejam atingidas.

Ainda dentro das características que impedem as atletas de desempenharem a excelência na sua atividade estão a autocobrança e a pressão. Chamam a atenção estas características pessoais não somente por serem as principais ocorrências dentre as disfunções, mas também por serem pontos negativos

intrínsecos, ou seja, gerados internamente pelas próprias atletas. Ao autoavaliarem-se, dizem “*sou muito perfeccionista*” e “*eu me cobro demais*” como causas desta pressão. A partir dela, dizem que se estressam com o erro e não conseguem mais “*deixar o jogo fluir*” ou “*se soltar*”, ficando nervosas ou irritadas consigo mesmas e interferindo diretamente no seu desempenho.

Mesmo em situações onde o contexto serviria como fator de diminuição de responsabilidade, como o caso onde a atleta é a mais nova dentro do grupo, entra somente poucas vezes nas partidas e é ciente de que tem menor responsabilidade que suas colegas de equipe mais velhas, percebe-se que a cobrança não é resultado de uma pressão externa e sim uma característica da pessoa.

Estudos do comportamento de adolescentes realizados por Cória-Sabini (1998) mostram que o descontentamento emocional interfere negativamente gerando ainda mais problemas emocionais. A autora alerta que o desequilíbrio emocional pode promover sensações de incapacidade por lutar pelas coisas que deseja, irritabilidade e reclamações constantes, postura defensivista e, em casos mais graves, até mesmo depressão. Mas Weinberg e Gould (2001) lembram que as qualidades psicológicas dos atletas são treináveis e é possível obter-se grande evolução no autocontrole.

Diante da disposição para a autocobrança, as atletas sentem necessidade de mudar suas características pessoais, de se adaptar ou desenvolver habilidades mentais para superarem-se. Dizem que tem que melhorar controlando atitudes negativas, como falta de equilíbrio emocional, pessimismo, irritação e reclamação pelo cansaço diante de situações de grande exigência nos treinamentos. Nota-se que esta é uma característica pessoal disruptiva ao rendimento da atleta momentaneamente, e que, em longo prazo, pode ser gerativa no sentido de forçar a atleta a desenvolver-se emocionalmente, aprendendo a superar as adversidades e atingindo uma maturidade esportiva.

Os problemas de comunicação com as colegas, quando identificados como “timidez”, representam disposições disruptivas. As quais, às vezes manifestam-se

“dentro da quadra”, durante as partidas, e em outras “fora da quadra”, na interação com as colegas de equipe e nas dificuldades de adaptação a um novo clube.

Neste sentido, as falas evocam que mesmo as atletas mais caladas ou introvertidas, têm condições de chegar ao alto nível no voleibol. Ainda assim, percebem e consideram esta atitude um complicador que pode influenciar de forma negativa no rendimento. Para as Seleções Brasileiras de base, que a cada ano renovam a equipe, torna-se ainda mais importante ter uma boa dinâmica na comunicação entre as atletas, porque ela acelera o processo de acerto e entrosamento da equipe.

Para finalizar a menção às disposições disruptivas, em menor quantidade, mas também de grande relevância, as atletas apontam algumas de suas dificuldades técnicas e físicas como a manchete, a movimentação, a lentidão e a dificuldade em manter o peso ideal para sua forma atlética.

Diferente das disfunções ligadas à estatura, das quais somente pode-se tentar compensar com a melhora de outros recursos ou transição para uma nova função no jogo, as disfunções de desempenho físico e técnico citadas acima podem ser revertidas com o treinamento e não são consideradas limitantes, mas sim dificultadoras que poderão ser superadas para obtenção do sucesso na carreira esportiva.

6.2.3 Demandas

Através de seus estudos no âmbito esportivo, Krebs (2010) percebeu que indivíduos mais competentes tendiam a ter maior envolvimento em atividades e permanecerem por mais tempo engajados nelas. Com isso, o autor evidenciou uma influência dos *recursos* sobre as *disposições* pessoais. Da mesma forma, percebe-se aqui que os atributos pessoais de demanda, capazes de instigar, ou não, reações ambientais (TUDGE, 2008), também são intimamente ligados aos recursos.

A partir da percepção por parte de adultos, familiares, professores ou técnicos da presença de recursos na jovem praticante de voleibol que a qualifique como um

possível talento, a primeira reação causada é o encaminhamento ou convite para ingresso em equipes de clubes, escolas ou demais entidades esportivas que mantêm equipes de voleibol.

Notou-se que as características de demandas apresentadas foram todas provenientes de recursos gerativos, ou seja, atributos positivos da pessoa e que causaram reações positivas nas pessoas que convivem em diferentes microssistemas, como igreja, escola ou projeto social.

Após este impacto inicial de encaminhamento, já inseridas no voleibol, ressaltam-se os atributos de demanda que causam reações e influências mais especificamente nas colegas de equipe. Esta influência também pode ser chamada de liderança, que segundo Weinberg e Gould (2001), é toda e qualquer situação em que um indivíduo exerce influência sobre os outros, mudando suas atitudes e valores. Becker Jr. (2002) argumenta que a liderança pode ser percebida formalmente quando a atleta assume a função de capitã da equipe ou informalmente, quando mesmo não sendo a capitã acaba por influenciar suas colegas. A liderança ideal é aquela que une as duas alternativas, ou seja, o líder formal tem seguidores conquistados pelas suas qualidades.

De acordo com as atletas entrevistadas, a “capitã” da equipe exerce o papel de líder e, como tal, estabelece uma boa comunicação com as demais participantes, cumprindo também o papel de apoio as colegas de equipe. No entanto, a partir das falas observa-se que há outras formas de liderança, uma delas é a que detém as atletas de maior experiência, seja pela idade ou por mais tempo de prática, é quem “dá o exemplo”. Está também a líder informal, a que exerce influência sobre as outras por seu carisma. Nesse sentido, a organização na equipe de vôlei lembra as formas de dominação que Weber (2008) encontra em organizações burocráticas, relativas à dominação legítima da capitã, a dominação tradicional das mais velhas e a dominação carismática de quem influencia por seu temperamento.

Ainda com base nas teorias de Weber (2008), a estabilidade das organizações se dá com base no equilíbrio nas relações entre dominadores e dominados, que se fundamenta no reconhecimento que os subordinados à

autoridade reconhecem e a legitimam no poder dos líderes. Acerca dessa subordinação é elucidativa a fala de uma atleta quando disse: “*existem pessoas que nasceram pra comandar e pessoas que nasceram pra auxiliar quem comanda*”.

Não somente as líderes ou atletas com perfil de liderança chegam às Seleções Brasileiras de base. A diversidade de funções e papéis também é necessária para que a harmonia e o equilíbrio de um grupo esportivo se mantenham, pois as características de uns somam-se às características de outros. Por isso, algumas atletas que não apresentam atributos de liderança também têm espaço na Seleção Brasileira.

Atributos pessoais distintos são complementares dentro de um grupo e servem para definir os papéis de cada um. Mesmo que as atletas que chegam a seleção nacional sejam referências técnicas e destaques nos seus clubes, não necessariamente tem características de liderança. Weinberg e Gould (2001) realizaram vários estudos que chamaram de inconclusivos tentando relacionar a personalidade com o rendimento de esportistas. Os autores ponderam que um atacante bem sucedido pode ter uma personalidade agressiva, já outro também bem sucedido pode não ter. Afirmam ainda que em esportes coletivos cada equipe pode ser composta por pessoas de características próprias e que os papéis que cada membro vai assumir dependerão de inúmeras circunstâncias, inclusive determinadas pelo ambiente.

Ao mesmo tempo que as características físicas, habilidades e atributos de liderança favorecem as atletas a atingirem uma performance diferenciada do restante da população da sua idade no voleibol, fora deste ambiente, as reações que causam nas outras pessoas, as não-atletas, são as mais diversas. De forma positiva, percebemos ainda na infância que a presença de atributos de competência é uma alternativa facilitadora para socialização. Quando as habilidades contribuem na realização de tarefas que são importantes para as crianças que freqüentam o mesmo microsistema:

Antes era só um grupinho que falava comigo, depois virei a querida por todos...risos...eu virei o espelho delas. Eu me sentia bem com isso porque

eu sempre fui bem tímida e isso me ajudou a me relacionar melhor com as outras pessoas (ATLETA 4, 20/02/2014, p.8).

Mas algumas características físicas equivalentes a competências no voleibol podem ser disfunções quando mal interpretados em outros ambientes, como o escolar, e podem acarretar problemas no futuro atleta quando ainda iniciante. Acontecem, por exemplo, situações em as atletas na escola são discriminadas e recebem apelidos pejorativos quando são altas: *“me zoavam de girafa, vara de cutucar estrela”* afirma uma atleta lembrando seu ambiente escolar. Outra atleta afirma que *“o que mais me incomodava era ter que sentar no fundo da sala durante as aulas”*, evidenciando que não são somente os comportamentos das outras crianças podem ser percebidos como negativos para as jovens atletas.

As reações causadas nas outras pessoas muitas vezes não têm intencionalidade, ou seja, o atleta não precisa ter realizado alguma ação, atitude ou ter dito algo para causá-las. Bronfenbrenner (2011) exemplifica isso como uma díada de observação, onde um indivíduo presta atenção de forma estreita e duradoura na atividade do outro, o qual reconhece o interesse demonstrado. As reações causadas ocasionalmente nas pessoas que se relacionam com os talentos esportivos podem exercer influência negativa ao desenvolvimento no voleibol quando a atleta passa a pensar que esta característica sua é depreciativa, ao invés da que a possibilitará a obter sucesso no esporte futuramente.

6.3 Processos que contribuem com o surgimento e o desenvolvimento dos talentos

Como já foi visto anteriormente, as atletas que chegam à Seleção Brasileira apresentam em sua infância atributos pessoais de disposição para o movimento. Esta disposição pessoal as levaram a ingressar em atividades físicas, consideradas como processos proximais, ou seja, práticas que contribuíram ou geraram desenvolvimento. Bronfenbrenner (1996) afirma que as atividades de brincar em grupo ou exercitar novas habilidades são processos proximais marcantes na vida de qualquer pessoa. Com esta afirmação, o autor considera tanto as atividades

informais quanto as formais as quais a criança esteve submetida, desde que por um tempo prolongado o suficiente para gerarem o desenvolvimento.

Sobre as atividades informais praticadas pelas atletas da seleção nacional em sua infância, foram citadas as brincadeiras livres com amigos e vizinhos da rua, como andar de bicicleta, brincar na praça e subir em árvores. Além disso, foram citados jogos populares e brincadeiras da cultura infantil típicas no Brasil, como jogar futebol, queimada, taco-bola, brincar de pega-pega, esconde-esconde, carrinho de rolimã e pular corda. Enfim, jogos diversos faziam parte importante do processo de desenvolvimento.

Mesmo sem fazer parte de um treinamento formal, onde a supervisão de um profissional especializado que dirija as atividades para os objetivos de um Treinamento de Longo Prazo (TLP), as atividades livres realizadas pelas atletas da Seleção Brasileira cumpriram com o papel indicado pela literatura para o desenvolvimento na infância. Dantas (1995) acredita que este momento da vida, entre os seis e nove anos, devam ser praticadas atividades que desenvolvam um amplo repertório motor, aumento das capacidades coordenativas, vivências motoras de forma simples e combinadas e máxima utilização de materiais variáveis, que corresponde ao vivenciado pelas atletas entrevistadas, conforme seus argumentos.

Já nas práticas consideradas formais, em ambientes onde recebem acompanhamento de um profissional da área da educação física, no âmbito das disciplinas nas escolas ou em “Escolinhas” de iniciação esportiva, encontram-se características do TLP. Aludem a diversas atividades físicas praticadas antes de ingressar no vôlei, como capoeira, atletismo, dança, taekwondo, futebol, patinação, natação, ginástica olímpica, handebol e beisebol.

As referidas práticas, além da possibilidade de participação em eventos competitivos, proporcionaram para as atletas da Seleção Brasileira, quando crianças, grande diversidade de experiências corporais. Essas práticas ofereciam desafios motores de controle corporal e de domínio de objetos e materiais, bem como desafios cognitivos e de interação social, seja competindo contra adversários ou cooperando com colegas. Acerca do assunto, Dantas (1995) pondera que o

desenvolvimento das capacidades coordenativas às quais a criança está sujeita praticando as atividades citadas pelas atletas entrevistadas, causa uma melhora geral do desempenho esportivo, despertam o interesse por treinos e competições e o conhecimento de diferentes esportes para escolha futura. Estes resultados coincidem com os objetivos da primeira etapa do TLP, denominado de Formação Básica Geral.

A importância do somatório das experiências vividas em ambientes formais e informais é ressaltada por Joch (apud BOHME, 2007), quando diz que as possibilidades reais do meio ambiente onde se está inserido, oferecidas ou não pelo sistema social em que vive, devem ser incluídas como condições do modelo de TLP.

Quando estimuladas a falar sobre a infância, as entrevistadas dizem que as atividades físicas que praticaram nesta fase da vida contribuíram para o desenvolvimento de aptidões como agilidade, consciência corporal e relacionamento em grupo, entre outras.

Os significados dados pelas atletas às atividades realizadas na infância e a compreensão de que geraram alguma modificação em seu comportamento, classificam estas atividades como *molares*. Bhering e Sarkis (2009) comentam que processos proximais molares são os que levam ao desenvolvimento de fato, por remeterem a um significado e proporcionarem a aquisição de competências a quem os vive.

Bronfenbrenner (2011) classifica como *moleculares* as atividades que são desenvolvidas por períodos curtos, freqüentemente interrompidas, são inconsistentes ou simplesmente repetidas sem um aumento no grau de complexidade. Obviamente, nem todas as atividades realizadas pelas atletas em sua infância foram molares.

Se como foi falado antes as atletas destacam algumas atividades físicas como definidoras da formação esportiva atual, em outras se referem a essas atividades em termos depreciativos, que não gostavam exercitá-las, como o exemplo de atividades em que eram obrigadas a participar. Essa obrigação se evidenciou nas seguintes falas: “*eu fazia natação porque tinha asma, mas odiava*” e “*eu não gostava*

das aulas de educação física que eram só basquete, porque o professor era técnico de basquete. Eu participava das aulas mas não gostava”.

Ao contrário, as atletas apontaram a prática do vôlei como a preferida ao longo da vida e que as práticas realizadas formal ou informalmente, molares ou moleculares na infância das atletas, foram deixadas de lado a medida que ingressaram no voleibol e aumentaram sua dedicação a esta atividade. Em algum momento da sua vida, o gosto pela nova modalidade as levou a optarem por novos processos, no caso os treinamentos da equipe de voleibol, os quais exigiram gradualmente um aumento no volume, intensidade e complexidade na participação das atletas. Mesmo nos casos que ainda foram possíveis uma conciliação temporária, foi inevitável o abandono das outras atividades para concentrarem-se no voleibol.

Os relatos mostram que, seja pela falta de tempo que a nova atividade causou ou simplesmente por deixarem de ter interesse pelas vivenciadas na infância, coincidem com o enunciado por Bronfenbrenner (2011) que, para causarem desenvolvimento, os processos devem ter aumento no seu grau de complexidade. Além disso, confirma-se que as atividades da infância já cumpriram com o seu papel na primeira etapa do TLP e que a escolha das atletas pelo ingresso no ambiente do esporte de competição as levam a praticar somente uma atividade, mas com maior especialização e aprofundamento.

Esta escolha pelo engajamento e especialização em uma única modalidade segue os pressupostos do TLP, na qual o atleta ingressa na segunda etapa chamada de *Treinamento Específico* (BOHME, 2000). O objetivo aqui é a melhora do desempenho esportivo específico a longo prazo dentro da modalidade esportiva escolhida e o aumento gradativo do treinamento até a chegada ao alto nível, estabilizando a motivação para o desempenho e criando participações bem sucedidas em competições.

A partir das falas das atletas observa-se que os objetivos da segunda etapa do TLP são atingidos, principalmente quanto ao aumento gradual da pressão sobre as atletas, a estabilização da motivação e a melhora no rendimento, a partir da

participação positiva em competições. Referem-se que a pressão e a cobrança exercida pelos técnicos ao longo da carreira ocorreu de maneira equilibrada e positiva. Perpassa a idéia de que era uma cobrança necessária, acompanhada do auxílio no enfrentamento das dificuldades comuns, vivenciadas nas fases iniciais do voleibol. Algumas das atletas, ao narrarem suas experiências, indicam que além de disputarem competições nas suas idades também disputavam com pessoas de idades maiores e souberam lidar bem com a pressão sem sofrer nenhum tipo de prejuízo na formação esportiva.

Embora se perceba nas falas que os técnicos têm um papel fundamental em proporcionar uma experiência positiva nas competições e adequar o nível de cobrança sobre as jovens atletas (além do que elas percebem e valorizam isso) e o apoio familiar também é fundamental nesta adequação. Mas a forma com que a própria atleta encara as situações de competição é o mais importante.

Mas nem todas as atletas estão preparadas ou lidam com as exigências da mesma forma. Mesmo que tenham condições de disputar competições nas categorias superiores pelo talento que possuem, que os técnicos as apoiem e que o contexto seja favorável à diminuição da pressão sobre elas (a responsabilidade recai sobre as colegas mais velhas), o mais importante é a forma como a própria atleta trata esta situação. A utilização dela em categorias superiores deve ser bem analisada pelo responsável da equipe:

Ah, no começo foi meio difícil pra mim. Jogos da Juventude, Estadual, era difícil porque eu sempre era a mais nova e tinha mais pressão. No começo era mais difícil, depois acostumei. Por eu ser a mais nova sentia mais pressão em mim. Mas eu não tinha mais responsabilidade que as outras, eu só entrava as vezes e saía, era uma coisa de cobrança mais minha mesmo (ATLETA 6, 20/02/2014, p.11).

Da mesma forma negativa com que a atleta lida com esta situação, algumas vezes os técnicos também excedem no processo, tanto nas competições como nos treinamentos, submetendo o jovem talento a cargas superiores ao que está apto a suportar e acarretando prejuízos severos às áreas emocionais, da saúde, cognitivas e sociais. É o que se percebe nas entrevistas quando as atletas dizem que em algumas circunstâncias o técnico era exagerado, agressivo, abusava do esforço,

desconsiderava as limitações da idade quando enfrentavam atletas mais velhas em competições e a necessidade de conciliação do vôlei com as tarefas escolares.

Sobre o momento certo de ingressar em uma categoria superior, são vários os modelos de TLP referenciados na literatura, como Barbanti (2000), Platonov (2008), Joch (1994 apud BOHME, 2007), Martin et. al. (2000), Zakharov e Gomes (1992), Weineck (1996), Dantas (1995) e Bohme (2000), e cada um considera diferentes variáveis, o que impede que se tenha uma precisão exata das idades e momentos em que se deva promover um talento para uma etapa seguinte dentro do processo de TLP ou impor a ele cargas mais avançadas de treinamento. O que Montagner e Silva (2003) alertam é para o cuidado com a precipitação na análise dos resultados obtidos pelo talento, os quais podem levar ao equívoco na tomada de decisão dos técnicos sobre o momento certo para promovê-lo. Uma decisão equivocada pode levar o talento a quadros de estafa, *overtraining*, “*burn-out*” ou de especialização precoce ⁶, podendo resultar até mesmo no abandono do esporte (WEINBERG e GOULD, 2001).

Ainda dentro da segunda etapa do TLP, chamada de *Treinamento Específico* (BOHME, 2000), está o início das especializações das atletas em determinadas funções de jogo, ou posições, a que Bojikian (2002) sugere que sejam definidas das experimentações gerais para as específicas. O autor diz que a prática do voleibol de alto nível necessita um repertório de habilidades técnicas que só é possível aos atletas que tenham uma ampla memória motora. Esta memória é construída nas atividades diversificadas anteriores ao ingresso no voleibol e também nas diversificadas dentro da modalidade após o início dos treinamentos. Tudge (2008)

⁶ *Estafa*: resultado de um treinamento com cargas máximas ou sub-máximas, por um período de tempo prolongado, sem a possibilidade de repouso ou recuperação adequados. Causa queda no desempenho, transtornos no humor e quadro depressivo (WEINBERG; GOUL, 2001).

Overtraining: conhecido também como Síndrome do Excesso de Treinamento ocorre quando são excedidos os limites das capacidades físicas e psicológicas e acarreta distúrbios neuro-endócrinos e alterações metabólicas (ROHLFS et al., 2005).

Burn-out: resposta psicofísica de esgotamento que transforma uma atividade antes prazerosa em uma geradora de forte estresse, levando ao abandono (WEINBERG; GOUL, 2001).

Especialização precoce: praticar uma modalidade esportiva de forma especializada, em idades anteriores a puberdade, restringindo a base motora e limitando a longevidade do talento na modalidade em questão (BOJIKIAN et al., 2007).

diz que as características da pessoa sofrem processos proximais, no caso o treinamento, que estimulam seu desenvolvimento e as levam a melhorar o desempenho, ou seja, a especialização em uma função de jogo.

Quanto ao repertório de experiências motoras adquiridas dentro do voleibol pela vivência em diferentes funções ou pela especialização imediata em uma função única ou principal, as atletas apontaram processos muito distintos passados por elas. Algumas relataram que tiveram múltiplas vivências, o que as auxiliou na formação e afirmam que tiveram a possibilidade de jogar em diversas posições ou funções na equipe, como levantadora, líbero e atacante.

As falas revelam a importância dada por Bojikian (2002) ao enriquecimento adquirido pelas atletas que passam por experiências motoras de gerais para específicas, inclusive com a percepção deste fato pelas próprias atletas. Outro caso demonstra bem a importância da variabilidade de experiências na formação da atleta:

[...] no mirim eu era central né? ...jogava no infantil de central e oposta... E eu era oposta, tive que mudar de posição já pensando na altura. Não ia dar pra eu jogar de oposto porque sou muito pequena e tem que ser mais alta pra jogar nesta posição. Agora que to no infanto virei ponteira. Aí já tive esta mudança por causa da altura mesmo (ATLETA 5, 20/02/2014, p. 9).

A citação anterior é um exemplo da importância da diversificação nas funções de jogo durante a primeira etapa do TLP. Com seus 15 anos, jogou em diferentes posições na equipe do seu clube, o que a levou a chegar na seleção nacional em uma categoria acima da sua. Mesmo seguindo as etapas indicadas pelo enunciado no modelo de TLP e estar agora especializando-se na função de “ponteira”, a forma com que foram realizadas as trocas de função para esta atleta podem ser questionadas. Ao contrário do que orienta o modelo de TLP onde parte da generalização para a especialização. Na situação apresentada acima, a atleta parece ter se especializado em uma função, depois em outra e assim sucessivamente, atuando em uma função até atingir sua limitação (neste caso a estatura) procedendo aí a troca para outra. Esse fato pode demonstrar aleatoriedade no processo e falta de estudos e análises com maior profundidade, não baseadas em evidências científicas prévias. Para responder este questionamento torna-se

necessário um estudo mais específico sobre o caso. Mas o indicado é que a variação de vivências deva ser proporcionada de forma intencional até o momento da especialização do atleta, quando a função definida para realizar na sua equipe deva ser a que possibilite a atleta chegar ao alto nível, neste caso a Seleção Brasileira.

Ainda com relação às trocas de função no decorrer da carreira esportiva da atleta, além da especialização em uma função para a qual o talento tenha potencial para uma maior performance, não deve ser esquecida a importância das vivências que ela passa estando dentro da quadra, seja em qual for a função. As narrativas mostram como passar por diversas posições contribui para o crescimento na carreira. Mudam de posição até chegar a ocupar a mais adequada para elas, ressaltando a importância das experiências e oportunidades que tiveram ao atuar em diferentes funções. Destacam ainda que este processo ocorreu de forma natural, ou seja, sem imposição ou pressão por parte de seus técnicos ou equipes.

[...] de central, saída e até uns campeonatos joguei na ponta quando precisava. Hoje levanto... acho que me ajudou sim. Se eu não fosse central primeiro eu não ia ter viajado tanto nem ter todas as oportunidades que eu tive. Se eu tivesse sido levantadora logo, acho que eu teria bem menos experiência. Mas eu gostei também... não foi nada forçado essa minha mudança (ATLETA 9, 21/02/2014, p. 17).

Como se percebe na análise dos discursos, talvez a fala acima possa justificar que uma atleta atue na equipe de seu clube em uma função distinta da qual poderia atuar em uma seleção nacional ou no voleibol profissional. As necessidades impostas pela sua equipe, como o caso de uma atleta que conta que precisava jogar na sua equipe de central, mas que hoje é ponta tanto em sua nova equipe como na Seleção Brasileira, fazem com que a atleta esteja em quadra para auxiliar na melhor performance de sua equipe em detrimento da sua especialização na função a qual tem talento para realizar.

Já no sentido contrário ao ocorrido com outras atletas e com o indicado pela literatura, a realidade da metade das atletas entrevistadas é que estas têm passado por um processo de especialização logo ao ingressar no voleibol. As posições que ocupam hoje são as mesmas que sempre ocuparam, afirmam que sempre gostaram

de jogar nesta função. Uma se refere a sua atuação desde a iniciação como levantadora, já que tem estatura baixa.

A especialização precoce de uma atleta pode fazer com que a mesma salte etapas na sua formação, deixando de vivenciar processos fundamentais. Essa especialização pode acarretar na limitação do seu nível de performance final e encurtar sua carreira no esporte (BOJIKIAN, 2005). Embora a especialização de algumas atletas seja evidente, pois atuam na mesma função desde que iniciaram no voleibol, outras atletas, mesmo especializadas, em alguns momentos foram submetidas a experiências diversas quando jogaram em uma categoria acima da sua, como elas enunciaram. Para jogarem na equipe de uma categoria superior à delas, supõe-se que devam treinar essa situação e desta forma sejam oportunizadas experiências diversificadas tanto em jogos como em treinamentos.

Chama a atenção o fato de experimentarem funções em categorias superiores, distintas as delas. O qual representa a possibilidade de troca de função no futuro, seja pela falta de algum atributo pessoal que a impeça de chegar ao alto nível, ou mesmo a potencialização de outro que lhe permita alcançar o mais alto nível de performance. Em ambos os casos, esta situação contradiz o enunciado pela literatura acerca de que as experiências gerais são oferecidas no início da carreira e a especialização ocorre mais tarde, em uma etapa seguinte do TLP (BARBANTI, 2000; PLATONOV, 2008; JOCH, 1994 apud BOHME, 2007; MARTIN et al., 2000; ZAKHAROV e GOMES, 1992; WEINECK, 1996; DANTAS, 1995; BOHME, 2000; BOJIKIAN, 2002, 2005). Na metade dos casos encontrados no presente estudo, a especialização aconteceu primeiro e depois dela ocorreu o ajuste que permite compensar a falta de algum atributo pessoal para seguir no voleibol ou para realmente potencializar o talento para sua chegada ao alto nível.

No caminho para atingir o alto nível esportivo, após passar pelos processos de ingresso no voleibol (*detecção*) e de desenvolvimento das suas habilidades para a modalidade (*formação*), chega a etapa de *seleção* do talento. Conforme Bohme (2007), estas três etapas (mais a quarta que é a *promoção* e ocorre após o ingresso

do atleta em uma seleção e vai além do objeto do presente estudo) finalizam os processos que passam os atletas até sua chegada a Seleção Brasileira de voleibol.

Ao serem questionadas sobre como chegaram até a seleção nacional percebe-se que este se dá de duas formas diferentes, ambas sistemáticas. A primeira é a observação de competições nacionais e a segunda é a realização de seletivas de avaliação de atletas. A respeito da primeira alternativa, a observação das competições nacionais, é um processo que se dá quando as atletas fazem parte de uma equipe representante do seu estado formada por uma seleção (Campeonato Brasileiro de Seleções) ou pela equipe classificada na seletiva estadual (Jogos Escolares da Juventude). Nestes eventos, a Confederação Brasileira de Voleibol envia seus técnicos para observarem e selecionarem atletas com potencial para ingresso nas seleções de base.

As atletas referem-se a participações em campeonatos onde os técnicos da Seleção Brasileira avaliam os desempenhos delas e as que se sobressaem são selecionadas para participar de novas avaliações para ingresso na seleção brasileira.

Como as observações se limitam somente as atletas que estão participando do evento em questão, as que têm potencial para chegar a seleção, mas que não estão no evento, acabam por não serem vistas ou selecionadas, o que justifica uma segunda forma de seleção: a indicação por técnicos das equipes de clubes e escolas. A observação e seleção das atletas indicadas são tanto centralizadas no Centro de Desenvolvimento do Voleibol da Confederação Brasileira de Voleibol, quanto regionalizadas. No caso dos treinamentos regionalizados, “as seletivas” ocorrem em um clube de cada região do país onde são avaliadas atletas que se destacam em seus estados e indicadas pelos técnicos de equipes que atuam nestas regiões.

Somadas as observações e avaliações, que já abrangem uma grande quantidade de atletas, com os contatos e indicações dos técnicos que atuam nas equipes de formação, o resultado é que praticamente todas as atletas em atuação por clubes do país são conhecidas pela comissão técnica das Seleções Brasileiras.

Ainda assim, as atletas que chegam a Seleção Brasileira são as que já atuam em equipes e nem sempre são as que têm as características indicadas para o voleibol de alto rendimento. Ações de seleção fora deste ambiente podem resultar em um acréscimo aos processos de detecção e seleção de novos talentos, os quais poderiam ser repensados e discutidos em um próximo estudo.

Mesmo com todas as ações de seleção, chama a atenção que uma parte significativa das atletas entrevistadas chega a Seleção Brasileira sem saber da existência de equipes nacionais de base.

Ao analisar o conteúdo dos discursos das entrevistadas, perpassa a idéia de que os esforços realizados no processo de seleção não são bem canalizados pelos clubes e equipes de base, pois não despertam interesse na atleta em chegar a Seleção Brasileira já na base. Ao aspirar ser uma atleta profissional ou chegar a Seleção no futuro, a motivação e dedicação podem ser ampliadas nos treinamentos. Pelo fato das atletas em formação não estarem cientes do processo de seleção, corre-se também o risco de perderem-se talentos, como o caso de uma das atletas que, por desconhecer o processo avaliativo ao qual estava participando, não conseguiu desempenhar um bom rendimento na primeira seletiva que participou. Graças ao avaliador, que percebeu seu potencial e a chamou novamente no ano seguinte, ingressou na Seleção Brasileira. Já outra atleta relata que somente após sua participação no processo seletivo pensou em ser uma jogadora profissional, ou seja, a ciência do mesmo poderia motivá-la ainda antes a melhorar no voleibol e otimizar seu desenvolvimento como atleta.

6.4 Ambientes, relações e influências na formação de atletas

Os contextos citados pelas atletas entrevistadas que receberam maior importância dentro da sua formação foram a família, a turma de amigos de infância e a escola, além do ambiente esportivo. Cada um definido como microsistema que, para Bronfenbrenner (2011), é o contexto mais próximo que a atleta vive e onde as

suas atividades diárias ocorrem, bem como às relações com as outras pessoas que nele habitam.

A escola, tanto nas aulas de Educação Física quanto em Escolinhas Esportivas no turno inverso às aulas, e a turma de amigos da infância foram microssistemas facilitadores para a ocorrência dos processos da primeira etapa do TLP: as brincadeiras, jogos e esportes diversos, manuseio de materiais e estímulos motores. Esse ambientes potencializaram processos e atributos pessoais, como visto nos itens *6.2 Atributos pessoais para ingressar e obter sucesso no voleibol* e *6.3 Processos que contribuem com o surgimento e o desenvolvimento dos talentos*, contribuindo para o desenvolvimento geral das atletas quando crianças, possibilitando a interação social e enriquecendo o repertório motor. Foi visto também que o desenvolvimento da futura atleta resulta no somatório dos estímulos ocorridos em ambientes formais e informais (na escola com professores dirigindo as atividades e em grupos de amigos brincando livremente).

Além destes microssistemas, outro de grande importância, talvez a máxima, é a família. Este ambiente já é muito estimado pelo fato da criança depender dos seus pais para ingressar e manter-se em uma atividade sistemática. Os pais necessitam autorizar o ingresso na atividade que a criança tem interesse, levar e buscar a criança nestas atividades, pagar os valores comumente necessários para inscrição e aquisição de equipamentos, entre outras coisas. Mas além da autorização dos pais que permitem e viabilizam a participação da filha em uma atividade esportiva, em muitos casos o exemplo dado pelo pai ou pela mãe em participar de grupos que praticam esportes ou até mesmo por terem sido atletas no passado, é fator motivador para o ingresso do futuro atleta no voleibol. Contudo, o gosto pelo vôlei às vezes também é estimulado por outros membros da família, como as entrevistadas fizeram menção à irmã e a avó.

Além dos exemplos percebidos em seus familiares que influenciaram as futuras atletas ao ingresso no voleibol, o apoio familiar para facilitar a participação nas atividades esportivas também foi fundamental.

Após o ingresso na atividade, o apoio familiar é necessário também para a criança manter-se engajada, inclusive requerendo alguns sacrifícios, como percebido na fala de uma das atletas que conta que depois da escola, “*almoçava correndo, trocava roupa dentro do carro e ia pro treino*”.

Já foi relatado no item 6.2.1 *Disposições*, onde as atletas afirmam a necessidade de buscar forças nos familiares e amigos quando estão passando por momentos difíceis. Becker Jr. (2002) reforça a importância do apoio social, ou seja, apoio das pessoas presentes nos diferentes microssistemas aos quais a atleta frequenta para trazer de volta o equilíbrio emocional.

Mas conforme a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BROFENBRENNER, 2011) não é só o ambiente que influencia a pessoa. Há reciprocidade de influências, fenômeno percebido no microssistema familiar, onde os acontecimentos da vida da atleta se refletem no contexto. Em alguns casos, os familiares, ou pontualmente um deles, inicialmente não compreendia a importância do esporte para a criança ou simplesmente a considerava uma atividade auxiliar, não uma opção de vida. Uma das atletas disse que “*a minha mãe achava muito trabalho me levar pra outra cidade só pra ir lá brincar*”, referindo-se ao período que compreendeu a iniciação da atleta e que ainda não havia uma perspectiva de profissionalização futura. Em outro caso, evidenciando a preocupação dos pais com a formação escolar dos filhos, uma das atletas relatou que:

No início, minha mãe não gostava muito, mas meu pai sempre foi atleta. Ela achava que não era uma opção de vida. A opção era estudar, tirar notas boas, 9, 10, e era isso. Quando eu comecei ela apoiava como se o esporte fosse bom pra minha formação, mas agora os dois estão sempre nos jogos, não perdem um. Agora eles entendem que é a minha opção e me dão todo o suporte[...] (ATLETA 5, 20/02/2014, p. 9).

A partir da fala desta atleta nota-se a opinião inicial da mãe sobre a prática esportiva e a mudança causada quando o voleibol passa a ser compreendido como uma opção de vida e considerada a opção da filha por um possível futuro profissional, normalmente a partir da convocação para a Seleção Brasileira. Esta ocorrência, de quem não apoiava passar a apoiar ou quem já apoiava aumentar significativamente este apoio, é comum nos relatos de praticamente todas as atletas

entrevistadas. Além destas mudanças no comportamento familiar, ocorreram relatos de que a participação da atleta em competições foi causador de uma maior aproximação entre os membros da sua família.

Assim como ocorre reciprocidade de influências entre pessoa e contexto, a ocorrência também é percebida entre microssistemas. Houve um caso em que a família interferiu no ambiente esportivo e depois o esporte interferiu na vida da família. Assim, o pai se envolveu na diretoria do clube para busca de patrocínios para manter a equipe, uma vez que na cidade acabaria o voleibol. A tentativa foi bem sucedida nos anos iniciais da atleta, quando os investimentos não precisavam ser muito vultosos para manter a atividade. Quando a atleta sentiu a necessidade de aumentar o nível de exigência e buscar uma equipe mais estruturada para dar continuidade ao processo de evolução e, em vista da importância que tinha o voleibol para os pais, a família mudou-se junto com a filha para outra cidade onde haviam melhores condições para a prática do voleibol. A consciência da necessidade de apoio que a atleta precisa durante sua formação e da importância da presença dos pais levou-os a uma mudança significativa no contexto familiar e no dia a dia de todos os seus membros.

Mesmo com a ocorrência entre as entrevistadas de vários casos de influências dos pais praticantes de esportes no ingresso da filha e o apoio para seguir praticando o voleibol, as atletas ressaltam que as famílias não as pressionaram para que tomassem determinadas decisões em detrimento de outras, mas sim, que delegaram a elas a responsabilidade pela tomada de decisão e pelas conseqüências que as mesmas possam trazer. Como por exemplo, a decisão de sair da casa para jogar em equipes de outro Estado, de continuar jogando ou de parar. Em qualquer uma dessas escolhas os pais colocaram-se em posição de apoio as escolhas das atletas.

Em alguns casos a família apóia a atleta nas suas atividades esportivas, mas estabelece algumas condições, como a importância de conciliar o estudo com o esporte. Aliás, dar continuidade à formação escolar tem sido um problema comum, relatado pelas atletas da seleção brasileira de base. Problema decorrente de fatores

como: o excesso de tempo dedicado ao treinamento das atletas que em alguns casos atuam em duas ou mais categorias; a distância entre o lugar onde moram e os clubes onde treinam; os longos períodos de treinamento quando estão na Seleção Brasileira, que acarretam em ausências significativas nas aulas; o fato do sistema educacional não interagir, na maioria das vezes, com o esportivo e vice versa.

É comum que as escolas não contribuam para que as atletas possam conciliar suas tarefas esportivas, auxiliando ou flexibilizando provas e atividades de avaliação. A respeito do assunto uma atleta conta que quando estava ausente da escola enviava e-mail solicitando os conteúdos: *“pedia a grade dos materiais e nada... ninguém da escola me dava retorno”*. Em suma, as atletas sofrem dificuldades para conciliar as tarefas provenientes dos dois ambientes.

Devido a esta dificuldade, em alguns casos as atletas optam por trocar de escola, buscam uma que valorize e reconheça o envolvimento da aluna no voleibol e oportunize a conciliação dos ambientes escolar e esportivo. Quando a escola ajuda é *“bem tranquilo”*, dizem. *“Eu perdia semana de prova porque eu tava na competição, mas depois eles me davam as provas tudo de novo, conseguia repor as aulas e aí ficou mais tranquilo de acompanhar”*, comenta uma das entrevistadas. Estudar em escola estadual foi apontada como uma opção facilitadora da resolução deste impasse. Também há ambientes escolares especializados em atender atletas, o que definem de *“colégio só de atletas”*. Trata-se de colégios onde há uma grande quantidade de atleta. Neles ocorrem aulas à distância, enviam trabalhos para fazer e as provas podem ser realizadas nos períodos em que as atletas estão lá.

Em vista de que não há normas relativas aos procedimentos a serem adotados pela escola, quando as atletas estão a serviço da Seleção Brasileira, apenas uma lei determina a obrigatoriedade do abono das faltas, cada atleta procura resolver este problema diretamente com a escola. Porém, junto com o auxílio recebido das autoridades escolares na remarcação de provas, as atletas têm o apoio *“informal”* das colegas e professores, que auxiliam por conta própria, sem o envolvimento da escola. Acerca de sua situação uma das atletas conta que todos os

dias as meninas da sala lhe mandam fotos da matéria para que ela copie e não se atrase tanto quando voltar.

Quando a escola não se posiciona a respeito da dificuldade da aluna/atleta conciliar suas tarefas escolares com as do outro ambiente, no caso o esportivo, ela está desconsiderando a importância dos processos que ocorrem neste outro e, conseqüentemente, considerando suas tarefas prioritárias. Já quando o campo esportivo desconsidera a necessidade da atleta/aluna freqüentar a escola e vivenciar os processos que lá ocorrem, ele está priorizando o ambiente do esporte e desvalorizando o escolar. Ambos deveriam compreender a importância de seus papéis e a complementaridade na formação que tem um ao outro.

É impossível mensurar os prejuízos causados na formação de uma atleta pela ausência do ambiente escolar e a impossibilidade de aquisição dos conhecimentos obtidos lá. Esta cognição é necessária para o sucesso em vários aspectos da vida, inclusive os esportivos, onde é fundamental ter raciocínio rápido, inteligência para solução de problemas estratégicos, análise de estatísticas e tendências de jogo, por exemplo. Desta forma, a participação efetiva e conciliada do atleta em formação tanto do ambiente escolar como do esportivo é fundamental. Para conciliar os dois, a Teoria Bioecológica deixa claro que a inter-relação não deve ser de mão única, já que os ambientes têm influência recíproca um no outro e ambos deveriam fazer uma aproximação, ao invés de ignorar a existência do outro ou aguardar que aquele se adapte a sua realidade.

6.5 Trajetória esportiva e eventos históricos significativos ao desenvolvimento

Embora o modelo de Treinamento de Longo Prazo propostos por Bohme (2000) e Dantas (1995) considerem os processos vividos antes mesmo do ingresso no voleibol como fundamentais para as etapas de desenvolvimento subseqüentes do talento esportivo, as atletas da Seleção Brasileira de base atribuem o início da sua trajetória ao momento de ingresso no voleibol. Desta forma, os eventos históricos

considerados por elas significativos ao seu desenvolvimento foram os compreendidos no período de tempo entre o ingresso no voleibol e os dias atuais.

As atletas relataram como acontecimentos importantes dentro da sua trajetória alguns jogos marcantes, títulos nacionais e internacionais como a Copa Panamericana, a medalha de prata no Sulamericano, bronze no Mundial da Tailândia; prêmios individuais recebidos como de destaque esportivo do ano da sua cidade, melhor bloqueadora e melhor jogadora do Sulamericano, suas convocações para as seleções estaduais e nacional, o momento em que precisaram sair de casa e da sua cidade para seguir jogando e a ocorrência de lesões graves que as afastaram do voleibol por um período prolongado, necessitando um grande esforço para conseguirem retornar ao esporte de alto nível. Em algumas falas apareceram também situações em que houve apoio das pessoas pertencentes ao convívio das atletas quando as mesmas estavam passando por momentos de dificuldade e que foram determinantes para seguirem adiante no voleibol.

Os prêmios de grande relevância, sejam eles coletivos como o título do Campeonato Sulamericano com a Seleção Brasileira, ou individuais, como a primeira convocação ou prêmios de destaque em uma competição importante, em alguns casos foram tão significativos que determinaram o exato momento onde a atleta se deu conta de ter condições para chegar ao voleibol profissional no futuro. Além destes importantes prêmios com a Seleção Brasileira, nota-se que também tiveram significados para as atletas os títulos de menor expressão, mas que foram conquistados em suas equipes iniciantes. Outra particularidade que chama atenção nas falas são os eventos em que as atletas realizaram boas performances mesmo quando tinham idades inferiores as quais estavam disputando. Quando as atletas identificaram sua qualidade precoce com relação aos seus pares, ficou marcado na sua memória e tornou-se significativo para elas.

Duas das atletas entrevistadas referem-se às dificuldades enfrentadas no tratamento de uma grave lesão no joelho e a sensação de superação com o retorno a Seleção Brasileira após sua recuperação, foram vitórias pessoais que tiveram um valor de “volta por cima”. Estas atletas lutaram contra o problema físico gerado pela

lesão e também contra o psicológico, em que os pensamentos negativos de afastamento do esporte e as dúvidas sobre a qualidade do seu desempenho no retorno as assolavam durante a longa recuperação.

O fato de terem que sair de casa para seguir jogando, ou com o intuito de buscar novas possibilidades e evoluir na carreira, foi citado como marcante para a grande maioria das atletas. Mesmo que possa provocar grandes dificuldades no dia a dia das atletas como: “*ter que realizar as tarefas de casa*”, “*lavar a minha roupa*” ou “*cozinhar*”, e também sentimento de saudades da família que interferem negativamente no foco delas no vôlei, ou ainda que não se sintam prontas para essa mudança, a escolha de viver em um ambiente distante da família é concebida como benéfica para o desenvolvimento e significativa para o crescimento na carreira esportiva. Possibilita uma maior interação com o time, amadurecimento como pessoa e estimula a independência e a responsabilidade.

Ter que morar longe de casa é destacado como fato marcante por várias atletas, mas nem sempre é considerado um acontecimento que contribuiu ao seu desenvolvimento como pessoa. Quando a atleta vai acostumando-se ao distanciamento da família e a autonomia nas tarefas diárias ao longo da sua trajetória esportiva, esta mudança não é impactante. Outro fator que diminui a relevância deste acontecimento é quando a atleta vai morar em um centro de treinamento que oferece todas as condições facilitadoras para o dia a dia da atleta, situação semelhante a que encontra quando mora em casa com a família.

As dificuldades encontradas em morar longe de casa e as responsabilidades que acarreta a atleta fazem parte do seu processo de desenvolvimento. Normalmente o momento de sair de casa é oportunizado a atleta quando da troca de equipe, clube ou escola, e normalmente ela não está pronta ou preparada, o que não quer dizer que não seja o momento adequado. Por exemplo, para uma das atletas, a saída de casa naquele momento da sua vida, mesmo não se sentindo preparada, foi a decisão mais acertada possível, porque favoreceu a adaptação da atleta ao ambiente e facilitou a transição para um nível mais alto na sua trajetória esportiva.

Em suma, a saída de casa, as convocações, os primeiros títulos pela Seleção e pelas equipes onde iniciaram e a superação das crises geradas por lesões graves foram os eventos considerados de maior importância na trajetória esportiva das atletas até chegarem na Seleção Brasileira de base. De acordo com as atletas entrevistadas, estes eventos foram positivamente determinantes para o seu bom desenvolvimento.

7 CONCLUSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE ATLETAS NO VOLEIBOL BRASILEIRO

Após a apresentação, discussão e análises dos elementos subjacentes ao surgimento e desenvolvimento das atletas da Seleção Brasileira de voleibol feminino de base, a partir da utilização da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, é possível esboçar algumas conclusões a respeito das características pessoais das atletas, dos ambientes nos quais trocaram influências e os eventos históricos que foram significativos para elas durante sua trajetória no voleibol.

Dentre os objetivos desta dissertação, o primeiro foi (a) compreender a aplicabilidade dos recursos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano no âmbito esportivo, partindo da proposta original desenvolvida por Bronfenbrenner (2011), e aprofundando o tema com a leitura de outros pensadores que fizeram uso dos pressupostos da teoria para investigar o esporte.

A raiz da revisão das investigações sobre o tema proposto, conclui-se que o modelo bioecológico de estudo é bastante atual, já que sua última versão data de 2005. Também é uma abordagem nova na área esportiva, pois poucos estudos foram realizados aplicando-a nesta área. Ainda assim, os resultados destes estudos apontam sua ampla aplicabilidade, seja para aprofundar com foco em apenas uma de suas categorias ou nas quatro categorias de análise, para o caso de uma abrangência maior. Aplicada ao esporte, pode-se dizer que a teoria mostrou-se bastante adequada como modelo de investigação, pois para cada categoria de

análise pode ser realizada uma analogia com algum aspecto esportivo. Já quando da utilização das quatro categorizações juntas, é possível obter uma visão completa dos fenômenos investigados.

Mesmo com um grande leque de possibilidades de aplicação no esporte, a referida teoria apresentou semelhanças e proximidades maiores com as especificações do Treinamento de Longo Prazo (TLP). Como em ambas o objeto central é o desenvolvimento, uma considera a pessoa e outra o talento esportivo, nas duas ocorrem processos, tempo de duração e interações com ambientes. Considerando o talento como uma pessoa em desenvolvimento, influenciada e influenciadora do contexto ao qual frequenta, os pontos comuns entre a Teoria Bioecológica e a detecção, formação, seleção e promoção do talento evidenciam-se e facilitam a utilização conjunta de ambas.

Quanto aos outros objetivos específicos desta dissertação, que são os de (b) identificar as características pessoais de disposições, recursos e demandas que levaram as atletas a ingressarem e obterem sucesso no voleibol; (c) comparar os processos aos quais as atletas foram submetidas em sua formação com os indicados pelo modelo de Treinamento a Longo Prazo; (d) identificar a importância dos contextos ambientais frequentados pelas atletas para seu surgimento e desenvolvimento esportivo e as influências recíprocas que trocam entre si; e por fim, (e) identificar eventos históricos na trajetória esportiva das atletas que foram significativos para o seu desenvolvimento e para chegarem na Seleção Brasileira, as falas das atletas entrevistadas levaram a conclusões que, para serem compreendidas, devem ser apresentadas de forma que os elementos inter relacionem-se.

Considerando a pessoa, o processo, o contexto e o tempo, para o descobrimento e ingresso no voleibol das atletas da seleção brasileira, quando na sua infância apresentavam características pessoais de disposição como o gosto pela atividade física e pela competitividade e atributos físicos de recursos que favoreciam seu desempenho frente a maioria de seus colegas da mesma faixa etária. Naquele momento da vida da atleta, a estatura, a força e/ou a habilidade eram

predominantes. Constatou-se, porém, que a partir das falas das atletas, estes atributos já não se apresentam nas mesmas condições de destaque quando relacionados com o que é indicado pela literatura, ou seja, que os talentos devam apresentar estes três atributos (estatura, força física e habilidade) de forma a complementarem-se em uma mesma pessoa para que esta atinja o alto rendimento no voleibol. Na pesquisa empírica, percebeu-se que as atletas destacam carência ou limites em um dos atributos citados e assinalam que sua dedicação e esforço, somados ao desenvolvimento maior de um dos atributos, compensa a deficiência em outro e a favoreceu a chegar na Seleção Brasileira.

Ao mesmo tempo em que as características pessoais são determinantes no ingresso e no desenvolvimento do jovem talento, o contexto também é determinante na incorporação ao esporte. Este oportuniza a ocorrência dos processos proximais básicos em grupos de amigos da rua ou com familiares em atividades informais ou mesmo na escola, nas aulas de educação física e escolinhas de iniciação esportiva em atividades formais. Comumente no contexto familiar, um dos membros da família está ou esteve ligado ao esporte ou valoriza esta prática e estimulou a jovem ao ingresso no voleibol.

Na faixa etária aproximada de nove e dez anos, quando a atleta ingressa no voleibol, os processos de desenvolvimento são vivenciados de maneira informal no microsistema grupos de amigos e formal nas atividades escolares do microsistema Educação Física e “Escolinhas Esportivas” de diferentes modalidades. Mesmo não estando sistematicamente interligados e oferecendo atividades em uma seqüência organizada de estímulos para um ótimo desenvolvimento, como sugerido pelo modelo de TLP proposto na literatura, os talentos acabaram por, mesmo que aleatoriamente, complementando sua formação, enriquecendo o repertório motor e favorecendo a base para o desenvolvimento das futuras atletas.

Com esta complementaridade entre as atividades realizadas, embora não se apresentem de forma organizada entre elas para proporcionar as crianças os estímulos motores e cognitivos fundamentais ao desenvolvimento pré-desportivo, de alguma forma parece que o somatório de estímulos pontuais e variados

provenientes de diferentes contextos e processos aleatórios da influência acabou por compensar a falha organizacional. O ideal seria a existência de uma instituição governamental, como ocorrem em diversos países esportivamente mais desenvolvidos, que regulamentasse a interligação sistemática entre as atividades oferecidas e definisse os processos a que tem responsabilidade cada contexto que a criança frequenta. Isso facilitaria a definição de quem são os talentos e seu encaminhamento para um plano de TLP. Da forma constatada neste estudo, o voleibol conta com a sua popularidade e com a grande quantidade de pessoas praticantes que, deste universo, possam surgir crianças que tenham tido a “sorte” de passarem por vários processos que se complementaram e que contribuíram com a sua formação básica.

Da mesma forma que as atividades oferecidas para as crianças são assistemáticas, ou seja, não tem uma ligação, formalidade, frequência, duração e coerência entre os objetivos, a detecção dos talentos também o é, não existindo parâmetros ou ações organizadas para avaliação. Apenas uma das atletas entrevistadas citou a participação em uma “peneira”, que independente da sua validade ou dos questionamentos que a literatura faz a respeito, ainda aparece como um exemplo de tentativa organizada e formal para detecção.

Esta assistemática, tanto no oferecimento de processos proximais na etapa básica da formação quanto a falta de mecanismos para a detecção de talentos, traz riscos imensuráveis a perda de talentos antes mesmo de chegarem ao esporte. A falta de estímulos específicos nas idades mais apropriadas para a criança, quando ela está mais apta ao desenvolvimento de alguma determinada habilidade, pode desfavorecer o surgimento de um talento. Já a falta de mecanismos de detecção, para aqueles que tiveram a “sorte” de que os processos pelos quais passaram complementaram-se e favoreceram seu surgimento, pode atrasar o ingresso em uma modalidade e obrigar a jovem atleta a posteriormente saltar etapas na sua formação para recuperar este atraso.

Nestes casos em que alguns processos proximais fundamentais faltaram no período anterior à detecção do talento, a responsabilidade de recuperação das

habilidades ou capacidades pouco desenvolvidas é transferida para a etapa da formação. Para isso, algumas vezes o processo de treinamento é acelerado e os talentos são submetidos a treinamento excessivo, mais especializado do que o recomendado ou promovidos a categorias superiores antes de terem condições para tanto. Estas questões acarretam disposições para o abandono do esporte ou a processos disruptivos, como a ocorrência de lesões graves e necessidade de longos períodos de recuperação. De acordo com a análise das falas das atletas, o contexto fica novamente evidenciado nesta situação, pois elas buscam o apoio familiar, de amigos e colegas de equipe para superarem a fragilidade do momento e seguem em busca dos seus sonhos de tornarem-se atletas profissionais de voleibol.

Mas na maioria dos casos apresentados nesta investigação (em 8 das 12 atletas), a etapa de formação da atleta teve a frente profissionais responsáveis em um microsistema esportivo facilitador do desenvolvimento, que respeitou o tempo da atleta e proporcionou processos proximais gerativos. Estes processos contribuíram com seu desenvolvimento aumentando gradualmente a complexidade das tarefas, a pressão, a cobrança e oportunizando um trabalho formativo do geral para o específico na especialização das tarefas e funções a serem realizadas no voleibol. Juntamente a isso, evidenciou-se a contribuição do microsistema familiar, que dava o suporte necessário ao processo, reforçando a importância das atletas adotarem comportamentos adequados as situações que iam enfrentando, como por exemplo, as vitórias, derrotas, morar longe de casa, lesões e convocações para a Seleção Brasileira.

Foi na etapa de seleção, para integrar a equipe nacional, que surgiu pela primeira vez dentro de suas trajetórias esportivas evidências de algum processo sistemático, ou seja, formalizado, com ações integradas, com frequência, duração e coerência entre os objetivos. A etapa de seleção contou com a participação da comissão técnica da equipe nacional observando e convocando para avaliações as atletas que se destacaram em diversos eventos históricos aos quais participaram, como em Campeonatos Brasileiros de Seleções, Jogos Escolares Brasileiros e torneios abertos de clubes. Além destes, foram promovidas avaliações centralizadas no Centro de Desenvolvimento do Voleibol da Confederação Brasileira de Voleibol e

descentralizados, em várias regiões do país. Para estas avaliações regionais foram convocadas atletas observadas em eventos e, principalmente, indicadas por técnicos de clubes que trabalham com a base e de Seleções Estaduais. Esta rede de relacionamentos entre técnicos da Seleção e das equipes formadoras tem funcionado de forma eficaz, diminuindo a quase zero as atletas em potencial desconhecidas pelas comissões técnicas das seleções nacionais, embora este universo desconsidere os talentos que não estão atuando em alguma equipe formalizada.

Respondendo ao problema inicial deste estudo, que considera a situação paradoxal entre a realidade da maioria das modalidades esportivas nacionais e a do voleibol, onde uma é de adversidade e a outra de sucesso quanto á freqüência de bons resultados no cenário internacional, formação de atletas e renovação das equipes nacionais, este estudo demonstra que o ingresso das atletas do voleibol ocorre de forma assistemática e aleatória, na maioria dos casos por incentivo de pessoas que foram influenciadas pela imagem positiva que o voleibol tem no país. Na etapa de formação as jovens atletas são submetidas a processos de desenvolvimento para recuperar as lacunas que não foram preenchidas na etapa anterior por consequência da assistemática na oferta de processos proximais.

O que parece ser um diferencial para o sucesso do voleibol ocorre somente na terceira etapa do TLP, onde é adotada uma seleção, aí sim sistemática, para ingresso na equipe nacional e que busca os principais talentos em atividade no país. A partir daí, lhes oferece todos os processos necessários ao desenvolvimento dos atributos pessoais das atletas, inclusive os que compensam as faltas ou limitações de outros atributos.

Fica o alerta para que as etapas do modelo de TLP sejam respeitadas por todas as instituições que trabalham com voleibol, desde a iniciação ao alto nível, já que ao invés de detectar, formar, selecionar e promover, demonstram que não existe detecção, e sim ingresso, que a formação e seleção ocorrem muitas vezes na ordem inversa, e que a promoção pode estar comprometida já que selecionam-se atletas

que muitas vezes não apresentam todos os atributos necessários para competir no nível internacional.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Mariani Eliza Dalmozo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 14° ed. - Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 2008. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=diKQ9ff20oQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 27 nov. 2013.

ANGROSINO, Michael. Coleção Pesquisa Qualitativa. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre, Artmed, 2009.

BARBANTI, Valdir. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

BARTHES, Roland. Myth today. In: BARTHES, Roland. **Mythologies**. London. Palladin Books, 1973.

BECKER Jr, Benno. **Psicologia Aplicada ao Treinador Esportivo**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002.

BHERING, Eliana; SARKIS, Alessandra. Modelo bioecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da educação infantil. **Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 7-20, jul./dez. 2009.

BOHME, Maria Tereza Silveira. O tema talento esportivo na ciência do esporte. **R. bras. Ci e Mov.** v. 15, n. 1, p. 119-126, 2007.

_____. O Treinamento a Longo Prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 4-10, jan/mai. 2000.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes. Vôlei VS. Vôlei. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 117-124, 2002.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes; SILVA, André Vicente Oliveira da; PIRES, Lívia Cristina; LIMA, Danilo Anderson de; BOJIKIAN, Luciana Perez. Talento esportivo no voleibol feminino do Brasil: maturação e iniciação esportiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 6, n. 3, p. 179-187, 2007.

BOJIKIAN, Luciana Perez. Seleção de futuros atletas de voleibol. In: BOJIKIAN, João Crisóstomo. **Ensinando voleibol**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

BOJIKIAN, Luciana Perez; BOHME, Maria Tereza Silveira. Crescimento e composição corporal em jovens atletas de voleibol feminino. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 91-102, abr./jun. 2008.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDOM, Jean Clause; PASSERON, Jean Claude. **Ofício do sociólogo: metodologia da pesquisa sociológica**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira – Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. **Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Santa Maria: UFSM. Dissertação de Mestrado. 1996.

BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CÓRIA-SABINI, Maria. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

DA MATTA, O ofício do etnólogo, ou como ter “antropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 23-35.

DANTAS, Estélio Henrique Martin. **A prática da preparação física**. 3. ed. Rio de Janeiro: Shape, 1995.

ELLIOTT, Bruce; MESTER, Joachim. **Treinamento no esporte: aplicando ciência no treinamento**. Guarulhos, São Paulo: Phorte Editora, 2000.

FONTES, Rita de Cássia da Costa. BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. Resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Revista Motriz**. Rio Claro, v. 19, n. 1, p. 151-159, jan./mar. 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Laura Fraga de A. Almeida Sampaio (trad.). Lisboa: Relógio D'água Editores, 1997.

GUERRERO, J.T.; LÓPEZ, M.B. Evolución morfológica de um grupo de jogadores de voleibol de elite desde su detección hasta la alta competición: estudio comparativo com otros grupos de élite nacional e internacional. In: MESQUITA, I.; MOUTINHO, C.; FARIA, R. **Investigação em voleibol: estudos ibéricos**. Porto: Saúde e Sá, 2003. p. 193.

HALL, Stuart. **Discourse and power**. En Hall and Gieben (eds). Formation of Modernity. London: Polity Press, 1993.

KISS, Maria Augusta Pedutti Dal'molin; BOHME, Maria Tereza Silveira; MANSOLO, Antônio Carlos; DEGAKI, Edson; REGAZZINI, Marcelo. Desempenho e Talento Esportivos. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, v. 18, p. 89-100, ago. 2004.

KOLLER, Sílvia Helena. (Org.) **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KREBS, Rui Jornada. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano e o contexto escolar. **Revista Pátio**. ano XIV nº 55 Agosto/outubro, 2010. Disponível em: <<http://www.miotecPatio.com.br/pdf/2138.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2013.

_____. **Urie Bronfenbrenner e a Ecologia do Desenvolvimento Humano**. Santa Maria: Casa Editorial. 1995.

KREBS, Ruy Jornada; COPETTI, Fernando; SERPA, Sidónio; ARAÚJO, Duarte. Disposições pessoais de tenistas jovens: um estudo fundamentado na teoria bioecológica de Bronfenbrenner. **Rev. bras. psicol. esporte**; v. 2, n. 2, p. 1-24, dez. 2008.

KREBS, Ruy Jornada; SANTOS, João Otacilio Libardoni dos; RAMALHO, Maria Helena da Silva; NAZARIO, Patrik Felipe; NOBRE, Glauber Carvalho; ALMEIDA, Raquel Teixeira. Disposição de adolescentes para a prática de esportes: um estudo orientado pela teoria bioecológica de Bronfenbrenner. **Motriz rev. educ. fis.** (Impr.); v. 17, n. 1, p. 195-201, jan./mar. 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTIN, R. H. C.; BOJIKIAN, Luciana Peres; UEZU, Rudney; BÖHME, Maria Teresa Silveira. Referencial cineantropométrico de jovens atletas do sexo masculino de 12 a 14 anos. In: Fórum Brasil Esporte. 2000, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2000. p. 118.

MASSA, Marcelo; TANAKA, Nelson Ithiro; BERTI, Alberto Foltran; BOHME, Maria Tereza Silveira; MASSA, Isabel Coelho Mola. Análises univariadas e multivariadas na classificação de atletas de voleibol masculino. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 131-45, jul./dez. 1999.

MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia S. **Manual de metodologia da pesquisa no Direito.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MONTAGNER, Paulo Cesar; SILVA, Caio Cezar Oliveira. Reflexões acerca do Treinamento a Longo Prazo e a seleção de talentos através de “peneiras” no futebol. **Rev. Bras. Cienc. Esporte.** Campinas, v. 24, n. 2, p. 187-200, jan. 2003.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações em pesquisa qualitativa. In.: NETO, V. M.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PERES, Lila; LOVISOLO, Hugo. Formação Esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **R. da Educação Física/UEM.** Maringá, v. 17, n. 2, p. 2011-218, 2. Sem. 2006.

PLATONOV, Vladimir Nikolaevich. **Tratado geral de treinamento desportivo.** São Paulo: Editora Phorte, 2008.

RAMADAS, Sílvio; SERPA, Sidónio; KREBS, Ruy Jornada. Psicologia dos talentos em desporto: um olhar sobre a investigação. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 3, n. 3, p. 331-345, trim. 2012.

ROHLFS, Izabel Cristina Provenza de Miranda; MARA, Lourenço Sampaio de; LIMA, Walter Celso de; CARVALHO, Tales de. Relação da síndrome do excesso de treinamento com estresse, fadiga e serotonina. **Rev Bras Med Esporte.** v. 11, n. 6, nov/dez 2005.

SILVA, L.R.R.; BÖHME, M.T.S.; UEZU, R.; MASSA, M.A. A utilização de variáveis cineantropométricas no processo de detecção, seleção e promoção de talentos no

voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 69-76, 2003.

SWATOWISKI, Fernando Wolff. **Validação da escala de atributos pessoais no contexto (EAPC) social**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 2011.

TUBINO, Fábio Mazon; GARRIDO, Fernando Antônio Cardoso, TUBINO Manuel José Gomes. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac Editoras, 2007.

TUDGE, Jonathan. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? In: MOREIRA, L; CARVALHO, A. M. A. **Família e Educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 209-231.

VIEIRA, Lenamar Fiorese; VIEIRA, José Luiz Lopes; KREBS, Ruy Jornada. A trajetória de um talento esportivo: estudo de caso. **Revista Kinesis**, Santa Maria, n. 21, p. 47-55, 1999.

WEBER, Max. **Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima**. Tradução de Gabriel Cohen. Rio de Janeiro: V.Guedes Multimídia, 2008.

WEINBERG, Robert & GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

WEINECK, Jurgen. **Optimales training**. Erlangen: Perimed Fachbuch, 1996.

ZAKHAROV, Antony; GOMES, Antônio Carlos. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Palestra, 1992.

ZÍLIO, Alduíno. **Treinamento físico: Terminologia**. 2. ed. Canoas: Ed. Ulbra, 2005.

APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de direção para entrevista semi-estruturada	114
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	117

APÊNDICE A – Roteiro de direção para entrevista semi-estruturada

Questões norteadoras a entrevista:

DADOS IDENTIFICAÇÃO:

Nome, idade, cidade, escola e série, equipe atual (de escola, clube, associação ou outro), função, e-mail/telefone contato.

PERGUNTAS:

- Como iniciou no vôlei? Fale de sua trajetória até aqui (jogava em mais de um local/escola ou clube menor, mudança de clubes, convocação pra seleções e tudo mais que tenha sido significativo na tua carreira).

- Com quantos anos/qual série iniciou e quem foi o responsável?

- Durante esta sua trajetória, você jogou em mais de uma “posição” (função) ou mudou no decorrer das categorias? Fale sobre isso e como você se sentiu.

- Praticava algum outro esporte antes de iniciar no vôlei (ou durante sua iniciação ou ainda pratica)?

- Como foi sua infância (nos anos iniciais do ensino fundamental) com relação a brincadeiras e atividades físicas livres (bicicleta, pracinhas, práticas informais em grupo etc)?

- Na escola, você tinha aulas de Educação Física na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Eram atividades com professor de Educação Física? Relate como eram as aulas naquele período.

- Como era o teu envolvimento nas aulas de Educação Física (naquele período e no atual)? Contribuíram de alguma forma no teu desenvolvimento como atleta? Fale sobre isso.

- A(s) escola(s) que você estudou tinha(m) atividades extra-curriculares voltadas para o vôlei? Elas contribuíram de alguma forma no teu início no esporte ou desenvolvimento como atleta? Fale sobre isso.

- Falando em escola, como você concilia o vôlei e as aulas? Como você percebe que um afeta no outro? Sua formação esportiva ou sua formação educativa ficam prejudicadas ou melhoram uma com a outra?

- Além do vôlei e da escola, o que mais você faz no seu dia a dia?

- Como a sua família aborda sua prática esportiva? Fale sobre a relação da sua família com o esporte.

- Você mora em casa? Com a família? Em alojamento da equipe? Como isso interfere nos treinos e jogos ou no teu desenvolvimento como atleta ou pessoa?

- Você já parou de jogar por um período ou pensou em parar? Por que voltou ou por que não parou?

- Podemos dizer que até aqui você obteve sucesso no vôlei, pois está entre as melhores atletas da modalidade no Brasil. Sobre suas características pessoais, fale sobre as que te facilitaram e as que te causaram dificuldades ou limitações até aqui? (físicas, psicológicas, sociais...)

- Fale sobre o clube que você joga. Tem estrutura adequada pra atender ao que você precisa para chegar ao alto nível?

- O treinamento que você pratica no seu clube e as competições que você disputa com ele estão ajudando na sua formação? São adequadas? No que o seu clube dificulta e no que facilita teu desenvolvimento?

- Sua convocação para seleção brasileira influencia de alguma forma seu clube? (equipe, novas atletas, estrutura, marketing, patrocínio....)

- Como foi sua primeira convocação para Seleção Brasileira? Sabe qual foi o acontecimento chave para ela acontecer?

- carga emocional das competições (vitórias, derrotas e cobranças) e o relacionamento com outras atletas que também almejam chegar a seleção são facilitadores ou dificultadores no seu desenvolvimento?

- as tuas relações com os técnicos que teve até chegar na seleção.

- quais são as expectativas futuras? Faz planos?

- Fazia planos desde o início ou deixava acontecer pra ver o que acontecia?

Isso ajuda ou atrapalha?

APENDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **A FORMAÇÃO DE ATLETAS NO VOLEIBOL SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**, sob a responsabilidade do pesquisador Rodrigo Lara Rother. Este estudo faz parte da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates – Centro Universitário, e tem como objetivo analisar, sob a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o surgimento e desenvolvimento das atletas da Seleção Brasileira de voleibol feminino de base.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista composta por perguntas sobre aspectos ligados a sua trajetória esportiva. Aceitando fazer parte desta pesquisa você estará contribuindo para o desenvolvimento do voleibol nacional.

Se depois de consentir em sua participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Rua Fredolino Sieben, nº33, Bairro Florestal – Lajeado/RS, ou pelo telefone (51)8128-8408, ou até mesmo poderá entrar em contato com o Comitê de

Ética em Pesquisa – Univates, na Avelino Tallini, 171, Bairro Universitário, Lajeado-RS, telefone (51)3714-7000.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____,
fui informada sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___

Assinatura do responsável pelo participante
(em caso de menor de 18 anos)

Data: ___/___/___

Assinatura do pesquisador responsável

Data: ___/___/___